



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**A PARENTALIDADE EXERCIDA PELOS AVÓS: DESAFIOS E IMPACTOS NA
DINÂMICA FAMILIAR.**

INGRID FERNANDES DOS SANTOS

Brasília
2023



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**A PARENTALIDADE EXERCIDA PELOS AVÓS: DESAFIOS E IMPACTOS NA
DINÂMICA FAMILIAR.**

INGRID FERNANDES DOS SANTOS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Doutora Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil.

Brasília
2023

INGRID FERNANDES DOS SANTOS

**A PARENTALIDADE EXERCIDA PELOS AVÓS: DESAFIOS E IMPACTOS NA
DINÂMICA FAMILIAR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Daniela Scheinkman Chatelard
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Sandra Santos Cabral
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini
Universidade de Brasília
Suplente

Dedicatória

Aos meus avós:

Carlos José Fernandes (1936-2019) *in memoriam*

Erotildes dos Santos (1941 -2021) *in memoriam*

Herbert Marques dos Santos (1943 -2021) *in memoriam*

Ruth dos Santos Fernandes (1941)

Agradecimentos

Aqui, estão os agradecimentos àqueles que tornaram possível o percurso deste trabalho e a minha caminhada no mestrado:

Agradeço à Deus, pela Sua bondade eterna em me permitir trilhar esse caminho, estando comigo durante todo o processo.

Agradeço à minha orientadora Katia Tarouquella pela disponibilidade, pela sensibilidade e pelo incentivo durante todo o período do mestrado. Agradeço pela presença que foi se revelando em uma grata e bonita surpresa no decorrer desse processo.

Agradeço às queridas professoras que prontamente aceitaram o convite para comporem a minha banca de defesa: Daniela Chatelard, Sandra Cabral e Eliana Lazzarini.

Agradeço ao meu companheiro Jonatas Tavares que compreendeu as minhas ausências e sempre me incentivou a novas conquistas, pela leitura e revisão cuidadosa dos meus textos e pelas trocas e compartilhamentos durante esse processo.

Agradeço a minha mãe Carmem, pelo aconchego e acolhimento em todas as minhas idas a Brasília. Pelo orgulho e incentivo a toda a minha trajetória acadêmica.

Agradeço a minha avó Ruth por ter sido sempre presente em minha vida e ter influenciado no meu desejo de estudar sobre a avosidade.

Agradeço às minhas colegas de mestrado Alessandra Carvalho, Lorryne Aquino, Mariana Sousa, Jéssica Emanoelly e Agatha Sousa que se tornaram amigas durante esse processo, compartilhando experiências e afetos e as quais levarei durante a minha caminhada acadêmica e pessoal.

Agradeço aos projetos *Escola da Família*, em Niterói- Rio de Janeiro, e *Saúde Mental na Parentalidade*, em Brasília, a qual tive a oportunidade de participar e de me dedicar no trabalho com a temática da parentalidade. Nestes projetos, eu pude compreender a importância

da implementação de políticas públicas sobre parentalidade. Agradeço também a toda a equipe de ambos os projetos no compartilhamento de trocas, saberes e experiências.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura que sempre priorizou a qualidade e compromisso acadêmico, bem como a todos os docentes do programa que contribuíram com a minha formação.

O AVÔ E O NETO

Ao ver o neto a brincar,

Diz o avô, entristecido:

“Ah, quem me dera voltar

A estar assim entretido!

“Quem me dera o tempo quando

Castelos assim fazia,

E que os deixava ficando

Às vezes p’ra o outro dia;

E, enquanto o avô cisma, e, triste,

Lembra a infância que lá vai,

Já mais uma casa existe

Ou mais um castelo cai;

E o neto, olhando afinal,

E vendo o avô a chorar,

Diz, “Caiu, mas não faz mal:

Torna-se já a arranjar.”

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT.....	11
APRESENTAÇÃO	12
MANUSCRITO 1 - AVOSIDADE E O PARADOXO RELACIONAL.....	18
Resumo	19
Abstract	20
Introdução	21
Função Parental Exercida por Avós	24
Vínculo na Avosidade	27
Trauma, Trabalho de Luto e Paradoxo	30
Método	34
Resultados e Discussão	35
Escrita Descritiva da História - Ilustração Clínica	35
A Função Parental, Vínculo e Paradoxo	36
Considerações Finais	45
Referências	47
MANUSCRITO 2 - PARENTALIDADE EXERCIDA POR AVÓS: DESAFIOS	
CONTEMPORÂNEOS	55
Resumo	56
Abstract	57
Introdução	58
Contemporaneidade e Parentalidade	58
Avosidade x parentalidade exercida pelos avós	62
Método	67

Resultados e Discussão	69
Bloco Narrativo - Apresentação do Fragmento do Caso	69
Bloco Interpretativo - Análise Interpretativa do Caso	71
Considerações Finais	83
Referências	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO	94
REFERÊNCIAS	102

RESUMO

As mudanças na compreensão da sociedade em torno das temáticas de parentalidade e filiação colocam em cena os avós como atores importantes nas dinâmicas familiares. Assim, dentro das famílias, os avós assumem uma posição tanto em um lugar de suporte familiar, quanto em uma função da parentalidade na ausência dos pais. A prática da função parental é impulsionada pelas situações como condições socioeconômicas, falecimento dos pais, pais biológicos com comprometimento em relação à saúde, pais adolescentes, dentre outros motivos que convocam os avós a assumirem o lugar da parentalidade. Essas situações em que ocorrem a parentalidade, colocam os avós diante de desafios que interferem diretamente na relação e vínculo com os netos, na dinâmica familiar e traz repercussões psíquicas significativas. Esse trabalho objetiva traçar uma discussão sobre os desafios e impactos da parentalidade exercida por avós a partir da apresentação de dois casos clínicos que serão dialogados articulando com conceitos teóricos psicanalíticos. Para isso, na primeira parte do trabalho, será discutido o paradoxo relacional que se instaurou no vínculo de uma avó, que assumiu a parentalidade de seu neto, em função da morte de seu filho. Na segunda parte do trabalho, serão discutidos os desafios contemporâneos que permeiam a parentalidade exercida por uma avó que assume a função parental à neta devido ao abandono da mãe. Nesta parte, serão discutidas as transmissões transgeracionais, bem como as repetições familiares e o movimento de reparação que a avó realiza na família. O trabalho evidenciou que a parentalidade na avosidade traz desafios que se relacionam aos motivos de exercer essa função, as diferenças geracionais e as novas posições que os avós passam a ocupar na família. No entanto, esses desafios possibilitam que os avós continuem um movimento de investimento libidinal, através de um trabalho psíquico que acontece no contato intergeracional com os netos diante da parentalidade assumida.

Palavras-chave: Parentalidade; Avós; Família

ABSTRACT

Changes in society's understanding of the issues of parenthood and filiation place grandparents on the scene as important actors in family dynamics. Thus, within families, grandparents assume a position both in a place of family support and in a role of parenting in the absence of parents. The practice of parental function is driven by situations such as socioeconomic conditions, death of parents, biological parents with compromised health, teenage parents, among other reasons that call on grandparents to take over the role of parenting. These situations in which parenthood occurs place grandparents facing challenges that directly interfere with their relationship and bond with their grandchildren, family dynamics and bring significant psychological repercussions. This work aims to outline a discussion about the challenges and impacts of parenting carried out by grandparents based on the presentation of two clinical cases that will be discussed in conjunction with psychoanalytic theoretical concepts. To this end, in the first part of the work, the relational paradox that was established in the bond of a grandmother, who took over the parenting of her grandson, due to the death of her son, will be discussed. In the second part of the work, the contemporary challenges that permeate parenting carried out by a grandmother who assumes the parental role to her granddaughter due to the mother's abandonment will be discussed. In this part, transgenerational transmissions will be discussed, as well as family repetitions and the reparation movement that the grandmother carries out in the family. The work showed that grandparenthood brings challenges that are related to the reasons for exercising this role, generational differences and the new positions that grandparents begin to occupy in the family. However, these challenges enable grandparents to continue a movement of libidinal investment, through psychic work that takes place in intergenerational contact with grandchildren in the face of assumed parenthood.

Key-Words: Parenting; Grandparents; Family

APRESENTAÇÃO

As temáticas da parentalidade e da filiação vêm sendo discutidas nos últimos anos abrindo caminhos para se pensar no que é ser pai ou mãe de alguém para além de aspectos biológicos. Ao longo da história, as mudanças ocorridas nas famílias, como uma maior liberdade de escolha entre parceiros, maior igualdade de gênero e a valorização das crianças permitiu a observação de novas configurações familiares (Gorin, Mello, Machado e Féres-Carneiro, 2015). Desse modo, abrem-se caminhos para novos papéis e novas composições familiares, tais como, núcleos familiares compostos por famílias monoparentais, famílias mosaicos, famílias homoafetivas, dentre outros (Silva, 2022, Silva, Rabinovich & Amorim, 2019). O que possibilita pensar nas mais diversas formas de parentalidade. As mudanças nas formas de parentalidade evidenciam modificações sociais que deixaram para trás o modelo exclusivo de parentalidade construído conjugalmente entre homem e mulher ou pai e mãe, permitindo que outros atores sejam inseridos na função da parentalidade (Gorin et al., 2015).

Nesse sentido, os avós comparecem como figuras importantes dentro da trama familiar, seja por oferecer suporte parcial na criação dos netos, ou seja, por assumir os cuidados integrais aos netos em uma função de parentalidade. Dessa forma, comumente, os avós aparecem como primeira opção para exercer os cuidados parentais, quando os pais mostram-se impossibilitados para tal tarefa (Scremin & Bottoli, 2016).

Ao pensar em avós assumindo as funções parentais é importante destacar as transformações em relação à expectativa de vida, que influencia diretamente o aumento de idosos e possibilita maior tempo de convivência entre as gerações. No Brasil, em 2018, pessoas com 65 anos ou mais correspondiam a 10,53% da população, registrando um aumento crescente de 20% em relação ao ano de 2012 (Fundação Getúlio Vargas [FGV], 2020). O avanço da medicina, tecnologia e acesso à saúde pública são alguns dos fatores que contribuem para que

as pessoas vivam mais tempo e melhor, constituindo características da contemporaneidade que inserem cada vez mais os idosos em contato com as gerações mais jovens e permite comparecer o termo avosidade (Ramos, 2017, Sampaio, Pereira, Osório & Neto, 2021). A avosidade corresponde ao movimento de sair de uma função parental para inserir-se na função de “tornar-se avós” (Lima & Junior, 2014, p.71).

Frequentemente, os avós estão representados na literatura infantil e na mídia brasileira com uma diferença grande de idade em relação aos netos, destacando fortemente o aspecto geracional de serem avós. Ademais, os avós são apresentados com grande disponibilidade de tempo e disposição para cuidado aos netos (Cardoso & Brito, 2014). No entanto, cabe salientar que para se tornar avô/avó não necessariamente é preciso tornar-se idoso, uma vez que cada vez mais tem-se avós mais jovens, resultado também de gestações precoces (Lima & Junior, 2014). Além disso, em relação à disponibilidade desses avós, aqueles que são mais jovens podem estar indisponíveis para exercer os cuidados aos netos, pois ainda participam ativamente do mercado de trabalho (Cardoso & Brito, 2014).

Para além dos fatores etários de envelhecimento populacional, e sem desmerecer a importância destes para as políticas públicas, é necessário também destacar a função simbólica e o papel social que os avós têm desempenhado nas famílias, ambos construídos em um movimento de transformação ao longo da história. Por exemplo, nas sociedades do Antigo Oriente Médio, ao velho, aquele que não correspondia a geração imediata, era atribuído um papel de sabedoria no clã com uma função educativa através da transmissão de histórias e de experiências. Contrastando os períodos grego e romano, em que a velhice era tida como um momento de dor e sofrimento, sendo também representada como uma debilidade e inaptidão para os serviços militares. Na idade média, o velho representava a imagem do pecado entre os autores cristãos, repercutindo os contornos morais em torno da velhice. Mais recentemente, a partir do século XVI, na Europa, nota-se certa ambiguidade em torno da velhice; por um lado,

tem-se idosos representados com defeitos e debilidades, por outro lado, tem-se idosos notados pela sabedoria e experiência pessoal (Minois, 1987).

No século XIX, com o aumento da industrialização, o velho perdeu lugar para o mais jovem e uma mudança demográfica com o aumento da expectativa de vida, possibilitou que três gerações de membros de uma mesma família pudessem conviver simultaneamente. A instauração da previdência social contribuiu para garantir o sustento desses idosos fora da casa dos filhos e lhes atribuiu certo grau de independência que possibilitou que se estabelecessem relações intergeracionais. Assim, essas relações eram regidas por igualdade e não por interdependência, instaurando-se a imagem dos avós que deveriam buscar amor e amizade com os netos ao invés de impor reverência e obediência (Gratton & Haber, 1996).

No contexto brasileiro, o papel dos avós também se modificou ao longo dos anos. Na década de 60, os avós eram responsáveis por mimar, contar histórias e cuidar dos netos na ausência dos pais. Na década de 70 e 80, os avós assumiram a função de suporte financeiro e emocional às famílias. Já nos anos 90, os avós aparecem como fonte de apoio frente a uma dificuldade e como importantes atores na transmissão da história familiar. Porém, é a partir dos anos 2000, com o aumento expressivo da expectativa e da qualidade de vida, que os avós foram colocados na função de cuidadores e provedores das famílias (Deus & Dias, 2016 APUD Dias & Silva, 1999).

Karl Abraham escreveu um dos primeiros textos evidenciando o papel e a função psicológica dos avós em 1913, destacando o papel mediador dos avós na solução dos conflitos edipianos entre pais e filhos (Eizirik, Candiago & Knijnik, 2007). Scremin & Bottoli (2016) destacam a relação entre avós e netos como uma relação açucarada, com menos conflitos e maior liberdade quando comparado com a relação entre pais e filhos. Além disso, as autoras sublinham que essa relação é construída baseada na confiança, aprendizagem e compartilhamento de histórias familiares. Vale destacar também que os avós promovem apoio

afetivo moral e muitas vezes financeiro dentro das famílias (Cardoso & Brito, 2014). Dessa maneira, os avós são apontados como cuidadores, fornecendo suporte emocional aos netos ao compartilhar legados e histórias familiares, sendo considerados fontes sapienciais e de memórias que influenciam diretamente no desenvolvimento dos netos (Lacerda, 2020; Mendes, 2017).

A chegada dos netos ressignifica o lugar e a posição dos avós dentro da família. O nascimento de uma criança provoca um deslocamento de posições: os filhos deslocam-se para a posição de pais e os pais deslocam-se para a posição de avós (Neyrand, 2007). Além disso, o próprio processo de envelhecimento interfere significativamente na forma como será vivenciado a experiência de ser avô/avó, pois a chegada dos netos podem motivar benefícios ou obstáculos relacionados ao envelhecimento (Lima & Junior, 2014). Porém, se por um lado, o nascimento dos netos revela aos velhos a finitude, o crescimento dos filhos e o fato de estar na terceira geração, por outro, pode ser um momento de crescimento pessoal através da ressignificação e elaboração do narcisismo relacionado a finitude (Ramos, 2017). O contato entre as gerações pode possibilitar que os avós lidem com a vida. Neste sentido, Scremin e Bottoli (2016) destacam que o papel dos avós de serem ativos nas transmissões geracionais proporciona um significado de continuidade aos avós frente a presença da finitude, gerando fantasias relacionadas à imortalidade e também a uma continuação.

As novas configurações familiares têm convocado os avós a deixarem a avosidade para assumirem uma posição de parentalidade em relação aos netos, caracterizado por uma responsabilidade integral na criação deles (Lima & Junior, 2014). Muitos avós assumem a função de cuidadores e exercem a parentalidade aos netos devido a circunstâncias adversas, tais como: falecimento dos pais, negligência, pais despreparados por serem adolescentes, dentre muitos outros fatores (Mainetti & Wanderbroocke, 2013). Essas situações favorecem a

entrada da parentalidade novamente na vida dos avós, uma vez que eles já exercem a função parental aos filhos.

Scremin e Bottoli (2016) definem parentalidade, como o conjunto de cuidados depositados em um ser em desenvolvimento que é construído desde a infância, perpassa questões transgeracionais e não necessariamente é exercida por pessoas que compartilham parentesco biológico. Além disso, a parentalidade é importante na estruturação psíquica e desenvolvimento da criança.

Houzel (2004) apresenta três eixos que constituem os aspectos relacionados à parentalidade, são eles: exercício da parentalidade, experiência parental e prática parental. O exercício da parentalidade refere-se à legalidade do termo a partir do ponto de vista de um exercício de direito, estabelecendo regras e valores do grupo social. A experiência da parentalidade refere-se a uma experiência subjetiva, manifestada tanto em um nível consciente como também inconsciente. Houzel destaca que há um processo de transição para a parentalidade, ou seja, é preciso tornar-se pai e mãe através de um processo por ele nomeado de “*processus de parentification*”. O terceiro e último eixo corresponde às práticas da parentalidade. Este corresponde, a todos os cuidados fundamentais para o desenvolvimento psíquico da criança, aqui são incluídas as interações afetivas entre pais e filhos.

A parentalidade é construída a partir da história pessoal transmitida pelas figuras parentais e as experiências com os cuidadores vão moldando o que é ser pai e também ser mãe, envolvendo aspectos transgeracionais nesse processo. Quando se trata da parentalidade exercida por avós, também envolve sentimentos ambíguos e conflitantes no exercício da função (Scremin & Bottoli, 2016), uma vez que será necessário o investimento na avosidade e na parentalidade. No entanto, o exercício dessa parentalidade é o que permite que a criança não saia do seio familiar e possibilite estar inserida em uma genealogia pertencente a uma história familiar (Gomes & Zanetti, 2009).

Portanto, estudar a temática da parentalidade contribui para observar a complexidade de questões que aqueles que estão na função parental terão que enfrentar (Houzel, 2003), dentre eles, os avós. Logo, este trabalho objetiva traçar uma discussão sobre os desafios e impactos da parentalidade exercida por avós a partir da apresentação de dois casos clínicos que serão dialogados e articulados com conceitos teóricos da psicanálise. Este trabalho se constituiu a partir da participação da pesquisadora em dois projetos de pesquisa sobre a temática da parentalidade que visa a formação de profissionais de saúde em Brasília e em Niterói – Rio de Janeiro. Sendo assim, este trabalho será dividido em dois manuscritos.

Na primeira parte, será apresentado um caso clínico em que devido ao falecimento do filho, uma avó é encarregada de assumir os cuidados parentais em relação ao neto órfão. Neste manuscrito, será discutido o paradoxo que se instaura no vínculo e na parentalidade assumida revelado através de duas situações antagônicas e opostas que precisam coexistir: lidar com a situação trágica da perda de um filho e ao mesmo tempo exercer a função parental de um ser em desenvolvimento. Assim, o manuscrito será dedicado à articulação teórica entre o caso clínico apresentado e os conceitos psicanalíticos de parentalidade, vínculo, paradoxo, trauma e luto.

A segunda parte desse trabalho, será dedicada à apresentação de um caso clínico em que a avó assume a parentalidade da neta devido ao fato dos pais terem abandonado a criança. Neste manuscrito, será discutido os desafios que a contemporaneidade traz sobre essa relação entre avó e neta, destacando as diferenças geracionais nas temáticas contemporâneas como corpo e sexualidade, tecnologias e acesso à educação formal. Nesta parte, os aspectos teóricos psicanalíticos como as transmissões psíquicas familiares e as repetições serão articuladas com temas contemporâneos que atravessam a relação de parentalidade entre a avó e a neta.

MANUSCRITO 1
AVOSIDADE E O PARADOXO RELACIONAL

MANUSCRITO 1
AVOSIDADE E O PARADOXO RELACIONAL

Resumo

A avosidade se constitui em um laço de parentesco que adquire uma função parental na medida em que os pais são ausentes ou impedidos de exercerem tal função. À luz das contribuições psicanalíticas, será discutido um caso clínico em que diante do luto da morte de um filho, uma avó assume a função parental do neto. Constatou-se o paradoxo relacional que perpassa esta relação e que aparece nas situações antagônicas e contraditórias com as quais o sujeito tem que lidar, a saber, assumir a função parental inadiável em relação ao neto e lidar ao mesmo tempo com um trabalho de luto frente à situação trágica da morte de um filho. Contudo, é este paradoxo que convoca esta mulher a se manter investida na vida, através de uma possibilidade de transformação psíquica ao exercer a parentalidade frente ao trauma vivenciado.

Palavras-chave: Parentalidade; Vínculo; Paradoxo; Avosidade; Trabalho de luto.

Abstract

Grandparenthood is a kinship bond that acquires a parental function to the extent that the parents are absent or prevented from exercising such a function. In light of psychoanalytic contributions, a clinical case will be discussed in which, faced with grief over the death of a child, a grandmother assumes the parental role of her grandson. The relational paradox that permeates this relationship and that appears in the antagonistic and contradictory situations with which the subject has to deal was noted, namely, assuming the unavoidable parental role in relation to the grandson and dealing at the same time with the work of mourning in front of the tragic situation of the death of a child. However, it is this paradox that calls on this woman to remain invested in life, through the possibility of psychic transformation when exercising parenthood in the face of the trauma experienced.

Key-words: Parenting; Bonding; Paradox; Avosity; Mourning work

Introdução

Ao abordarmos a relação entre avós e netos, vale a pena destacarmos as transformações familiares e o contexto social atual. As mudanças na expectativa de vida e o aumento da longevidade propiciou que os avós pudessem assumir novos papéis na família e conviver com os netos, o que acarretou em uma modificação do lugar dado à velhice (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Se outrora a velhice esteve associada à incapacidade e dependência, as mudanças do lugar do idoso na sociedade propiciaram que hoje os avós estejam muito mais participativos e enredados na dinâmica familiar (Figueiredo, Araújo & Amante, 2022). Vale destacar que a vida ativa dos indivíduos vem se prorrogando e, cada vez mais, há pessoas idosas inseridas em atividades sociais, econômicas e profissionais (Pais, 2013). O que reflete, dessa forma, em uma mudança significativa na dinâmica da sociedade atual.

A avosidade se refere a um lugar ocupado por adultos em uma “transmissão entre as gerações, especialmente na relação avós/netos, na qual ocorre por processos psíquicos inconscientes constituintes de subjetividades” (Sampaio, Pereira, Osório & Neto, 2021, p. 24565). Neste sentido, os autores colocam que a construção do conceito de avosidade se deu a partir do aumento da expectativa de vida que desencadeou uma melhor relação entre avós e netos e uma maior influência intergeracional nos quais os avós passaram a dispor na relação e criação dos netos. Assim, os avós entram em cena na sociedade contemporânea como parte essencial nas dinâmicas familiares e na relação com os netos. Desse modo, é possível suscitar algumas indagações: quais mudanças na sociedade contemporânea têm trazido os avós para ocupar a cena da função da parentalidade em relação a seus netos? Como se estrutura essa função parental exercida pelos avós?

Mudanças na sociedade como aumento da expectativa de vida, mulheres e mães cada vez mais inseridas no mercado de trabalho, novas configurações familiares, valorização da

infância, dentre outras (Gomes & Zanetti, 2009; Gorin, Mello, Machado & Féres-Carneiro, 2015; Lacerda, 2020), convidam aos avós, pais dos pais, cada vez mais exercerem funções relacionadas ao cuidado, inserindo esses avós também em uma função parental em relação aos netos.

Gutton (2006) define a função parental como um conjunto de processos psíquicos que se relaciona com as experiências de tornar-se pai ou mãe de alguém e que atravessa um desejo de ter um filho. Esses processos psíquicos ocorrem tanto em um nível consciente, relacionado com os cuidados cotidianos da criança, quanto a um nível inconsciente, atravessados pelas próprias histórias, fantasmas, traumas, que aparecem na reorganização psíquica em relação a um outro. Essa função parental coloca o termo parentalidade em jogo e abre caminhos para se pensar sobre o “tornar-se pai e mãe” (Zornig, 2010) e no caso de parentalidade exercida por avós, tornar-se avós na função parental. Sendo assim, a função parental ultrapassa os limites biológicos e envolve questões complexas que os cuidadores terão de enfrentar, bem como modificações psíquicas importantes (Houzel, 2003).

A parentalidade e vínculo entre avós e netos foi tratado em vários trabalhos (Charazac & Charazac-Brunel, 2020; Deus, & Dias, 2016; Rombaldi, 2013; Silva, 2014). Nessa relação, esse vínculo se constrói tendo uma geração no meio, a dos pais, e favorece uma inscrição do sujeito em uma cadeia genealógica e em um pertencimento familiar (Gomes & Zanetti, 2009, Ramos, 2017). No entanto, o desafio é justamente quando esses avós, por alguma imprevisibilidade da vida, precisam assumir os papéis de cuidado em relação aos netos pela função da parentalidade.

Diversas são as situações em que os avós são convocados a assumir a função parental em relação aos netos e isso significa assumir os cuidados parentais. No entanto, assumir essa função nem sempre é uma escolha, pois em algumas situações os pais encontram-se em dificuldade para desempenhar a função parental. Estudos evidenciam que as principais

condições em que os avós assumem os cuidados integrais dos netos são: situações de violência ou de negligência dos genitores, pais adolescentes, dependentes químicos, pais com deficiência física ou mental e falecimento de um ou de ambos os pais (Deus, & Dias, 2016; Mainetti, & Wanderbroocke, 2013; Rombaldi, 2013; Wu et al., 2021). Cabe salientar que quando se trata de assumir os cuidados parentais dos netos, essa tarefa fica, na maioria das vezes, a cargo das avós, reflexo da função de cuidado ter sido historicamente atribuída às mulheres na sociedade. Dessa forma, diante das situações em que os pais estão impossibilitados para assumirem parentalidade, comumente esse lugar é assumido pelas avós, reforçando uma questão de gênero que permeia essa parentalidade (Mainetti, & Wanderbroocke, 2013, Ramos, 2017).

As situações em que as avós são convocadas a assumirem esses cuidados são geralmente relacionadas a situações negativas e dolorosas, de modo que exigem um trabalho de transformação e elaboração psíquica para elas. Essa parentalidade, ao mesmo tempo em que inscreve o sujeito em um pertencimento familiar através dos vínculos, evidencia os aspectos traumáticos e não elaborados que também comparecem nesse vínculo (Gomes & Zanetti, 2009). Uma vez que a parentalidade exercida pelos avós denuncia a impossibilidade dos pais exercerem a função parental.

Reconhecendo que é cada vez mais frequente que os avós estejam inseridos em uma função parental em relação aos netos, este estudo discute a parentalidade exercida pelas avós e o paradoxo relacional que se instaura a partir de uma situação imprevista e trágica em que uma avó, com o falecimento seu filho, precisa assumir os cuidados parentais do neto em função desse trágico fato. Embora existam estudos que apresentem e discutam a parentalidade exercida por avós, o paradoxo na relação avós e netos diante de uma situação trágica ainda constitui uma temática pouco evidenciada na literatura e carece de mais discussões.

Função parental exercida pelos avós

A função parental relaciona-se com uma experiência de subjetividade parental, caracterizada por processos psicológicos atravessados por uma ordem inconsciente e consciente daqueles que exercem essa função. Inconscientemente, há fantasias e experiências passadas que comunicam-se com a experiência da função parental atual e, conscientemente, há ações com objetivo de cuidar dirigidas à criança (Gutton, 2006). Essa subjetividade parental comparece na relação entre o adulto e a criança, permitindo que a criança se situe em relação a seu grupo familiar e a seu pertencimento a uma família. A experiência subjetiva dos que exercem a função parental também é marcada por um desejo em torno da filiação que se manifesta em maior ou menor grau nos valores e nas condutas transmitidas para os filhos. Naqueles que exercem a parentalidade, há uma estrutura psíquica parental que possui objetivos, idealizações e desejos narcísicos criados a partir da subjetividade de cada um e que são depositados nos filhos interferindo diretamente no desenvolvimento psíquico da criança (Veludo & Viana, 2012).

A relação entre o adulto e a criança é atravessada por um investimento permeado por um desejo daqueles que atuam na função da parentalidade. Este desejo encontra-se com as mais diversas fantasias inerentes à própria infância e também ao cuidado parental que tiveram nos anos iniciais (Zornig, 2010). Contribuindo com essa discussão, Scremin e Bottoli (2016) abordam que a parentalidade é construída a partir da própria história de vida e da experiência relacional com os cuidadores. Por sua vez, Mello e Santis (2015) indicam que o processo de assumir a parentalidade de alguém inicia-se na infância, uma vez que, há aspectos internalizados de identificações construídas nas relações com os pais. Ao assumir a parentalidade, o sujeito entra em contato com a sua própria história infantil, mas também com os aspectos da vivência com o filho, havendo uma íntima relação entre passado e presente. Ao

assumir uma posição parental, o sujeito também se reencontra com a sua posição de ter sido filho de alguém e se reconhece como pertencente a uma cadeia genealógica e a um núcleo familiar (Robert, 2009).

Outra questão importante de ser destacada, é que o núcleo familiar nem sempre é compartilhado por pessoas que possuam uma vinculação biológica, visto que, a filiação biológica está relacionada a uma transmissão do material genético entre os genitores e seus filhos. Contudo, a relação que se estrutura na parentalidade pode também se estabelecer por vínculos de pertencimentos e de filiação por alianças (Houzel, 2004), mas também há um processo de filiação legal ou instituído pelas inscrições simbólicas oficiais, como a certidão de nascimento. Nesse processo, denominado de processo de parentificação, acontece um amadurecimento de se reconhecer como pai/mãe de alguém para torna-se um/uma, e envolve modificações psíquicas importantes e até mesmo o perigo a um risco psíquico nesse processo (Houzel, 2010).

Ao assumir as funções parentais dos netos, os avós são convocados a um trabalho psíquico, tendo em vista o novo lugar ocupado, a saber, remanejar-se da posição de avós para assumir uma posição demandada pela função da parentalidade como adulto responsável pela sobrevivência da criança. Freud no texto *As Pulsões e seus destinos* (2013) destaca o trabalho psíquico como o movimento que o sujeito tem que fazer diante do excesso de excitação e energia psíquica decorrentes da pulsão com objetivo de afastar-se da angústia e do desamparo. Esse excesso de excitação gerada, ultrapassa os limites do psiquismo e necessita encontrar um objeto de destino, o que caracteriza o trabalho psíquico. Neste sentido, o caso clínico apresenta uma avó que, ao assumir a função parental é convocada a um trabalho psíquico diante do excesso de energia psíquica que necessita ganhar um novo destino, uma vez que, ela precisa lidar com um novo lugar e com uma situação inesperada que a colocou no lugar parental.

A função parental exercida pelos avós possui algumas características particulares de outros adultos que exercem essa função, pois inscreve a criança dentro de um pertencimento familiar, de uma genealogia e através de uma história familiar. Ao mesmo tempo que denuncia uma falta e uma ausência de que houve uma falha parental de um lugar que não foi sustentado. A falha parental, também foi evidenciada no trabalho proposto por Pinto, Arrais e Brasil (2014), neste estudo, uma avó assume o lugar da parentalidade e o apoio parental à uma adolescente que não encontrava esse suporte na mãe, que mesmo presente fisicamente, não assumia o lugar da parentalidade.

O fato de assumir a função da parentalidade e de ser avô/avó exige uma elaboração das vivências de ser pai e de ser filho, convoca o sujeito a uma reorganização psíquica traduzida na tentativa de organizar-se psiquicamente em função de ser avós e exercer uma parentalidade diante da falha de um adulto que deveria ocupar-se de tal função (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Essa reorganização psíquica consiste em dar um novo significado à experiência de serem avós e de serem pais. Sendo assim, uma mudança da avosidade para a parentalidade é atravessada por diversas significações subjetivas, sociais e culturais e sucede a partir de um fato biológico como o nascimento dos netos. Mas, exige que seja realizado um trabalho psíquico de resignificação do lugar esperado para avosidade na família a um lugar de sustentação parental (Lima & Junior, 2014).

É importante fazermos uma distinção entre as relações de parentesco e as relações parentais, ambos são lugares em que os avós podem ocupar dentro da família. As relações de parentesco, assim trazido por Godelier (1999), são relações sociais, ou seja, são revestidas de interesses que ultrapassam as relações familiares e que trazem modificações sociais e culturais. Já as relações de parentalidade envolve um funcionamento psíquico, com um conjunto de representações mentais, afetos e desejos, sendo um processo psicológico de um desenvolvimento de uma posição parental interna do sujeito (Neyrand, 2007). Neste sentido,

Neyrand (2007) ainda acrescenta que a parentalidade envolve múltiplos laços de parentesco e os processos psicológicos decorrentes desses laços, característicos dos laços de parentalidade. Dessa maneira, quando se fala em parentalidade exercida pelos avós, vai muito além do papel social de ser ou tornar-se avó, ultrapassa o registro de solidariedade intergeracional e envolve uma nova posição ocupada na família (Gratton & Schneider, 2020), ou seja, ultrapassa as relações configuradas no âmbito do parentesco.

Exercer a posição parental junto aos netos requer uma conciliação entre a função esperada dos avós e a função esperada dos pais, podendo haver conflitos no exercício de ambas as funções, pois os avós podem desejar serem avós com todas as atribuições culturais da avosidade (Scremin & Bottoli, 2016). O que se espera socialmente a partir de um papel social dos pais é diferente do que se espera dos avós e a função da parentalidade difere-se de uma função da avosidade. Diante disso, seria possível que esses avós consigam fazer uma conciliação entre esses diferentes papéis sociais e entre as funções da avosidade e da parentalidade? Ou, esses avós precisam abrir mão de serem avós e da função da avosidade em algum momento? O que pode-se dizer é que a função parental dos avós faz emergir os aspectos da avosidade, do lugar social em que se encontram na família e do cuidado que ultrapassa as definições do que é ser avô ou avó construído socialmente.

Vínculo na avosidade

A palavra vínculo advém do latim *vinculum* e tem o significado de ligação e união entre uma coisa ou outra. Na psicanálise, o vínculo refere-se a uma realidade psíquica que é compartilhada e que constitui uma intersubjetividade que se origina, se mantém e se fortalece no contato com o outro (Melo, Magalhães, Carneiro & Machado, 2017).

Embora Freud não discorre especificamente sobre a intersubjetividade, este sendo um conceito pós-freudiano, os primórdios da teoria psicanalítica apontam um interesse de Freud sobre aspectos da transmissão e subjetivação, testemunhando que a intersubjetividade influencia na realidade psíquica do sujeito e constitui o vínculo (Kaës, 2011). Dessa forma, Kaës define vínculo como:

A realidade psíquica inconsciente específica construída pelo encontro de dois ou mais sujeitos. Essa definição pelo conteúdo põe a ênfase na realidade psíquica inconsciente, objeto constitutivo da psicanálise. Ela fica mais precisa com uma abordagem em termos de processo: o vínculo é o movimento mais ou menos estável dos investimentos, das representações e das ações que associam dois ou mais sujeitos para a realização de alguns de seus desejos (Kaës, 2011, p. 159).

O autor sublinha essa realidade psíquica construída inconscientemente no encontro com um outro sujeito e enfatiza o desejo como importante dentro da movimentação do vínculo, desejo que convoca e que se projeta no outro para que seja realizado. Levisky (2021, p.556) destaca que o vínculo se configura na relação e presença entre os sujeitos, construídos e alicerçados em pactos inconscientes, originados “com função de preencher uma falta, um desamparo originário”.

Freud (1926/2014) em *Inibição, Sintoma e Angústia* enfatiza o desamparo como base da condição de subjetividade humana, atravessados pelo conflito dos desejos pulsionais, pelas possibilidades de satisfação e de punição. O desamparo psíquico entra como uma condição que precisa de um outro que, para além das necessidades vitais, teria a função de auxiliar na constituição do sujeito através de uma sustentação psíquica diante desses conflitos. Neste sentido, o desamparo originário caracteriza-se como insuperável pois o conflito sempre existirá, mas também, estrutura e funda o sujeito circunscrevendo a forma como serão

estabelecidas relações dentro de um laço social. Ou seja, o sujeito liga-se a outro na tentativa de amenizar o sofrimento (Passos, Neves & Menezes, 2018).

A intersubjetividade e o vínculo aparecem como elementos fundamentais no desenvolvimento psíquico nas primeiras relações da criança, no entanto, dentro do contexto familiar mais amplo, o vínculo é tratado por meio de uma transmissão intergeracional (Gomes & Zanetti, 2009; Gutierrez, Castro & Pontes, 2011; Kaës, 2011). À vista disso, Gomes e Zanetti (2009) delineiam que o vínculo dentro do contexto geracional promove uma noção de pertencimento e, a partir do que é transmitido através das gerações, permite uma transformação do material herdado e a construção da própria subjetividade. Kaës (2011) coloca os vínculos como alianças estruturantes que se dividem em básicas e secundárias. As básicas se referem ao vínculo da criança com a mãe, enquanto as alianças estruturantes secundárias referem-se às relações entre as gerações que formam o campo e as bases intersubjetivas da subjetividade. O autor argumenta que essas alianças promovem possibilidades de um espaço psíquico comum e compartilhado ao Eu e podem garantir a transmissão da vida psíquica intergeracional. Essas transmissões, conforme relata Gomes e Zanetti (2009), podem também ter aspectos traumáticos, negativos e não elaborados que também são repassados como heranças.

A transmissão psíquica intergeracional estrutura e consolida o vínculo na relação entre avós e netos. Nesse processo, os vínculos de parentesco e os vínculos de afetos existentes nessa relação se entrelaçam e favorecem um legado geracional, identificações e pertencimentos (Ramos 2017; Silva, 2014). Quando avós assumem a parentalidade, o vínculo pode ganhar contornos diferentes. Em um primeiro momento, há a transmissão psíquica intergeracional através de alianças estruturantes secundárias, conforme coloca Kaës, pois os avós, antes de estarem na função parental, estão na função de avós. Porém, ao assumir a função parental junto ao neto, os avós entram como figuras que auxiliam o desamparo da criança. Desamparo que acontece tanto em relação a um aspecto biológico, no direcionamento dos cuidados cotidianos,

quanto a um desamparo psíquico, conforme Freud (1926/2014) destacou. Esse desamparo favorece que o sujeito estabeleça vínculos dentro de um laço social e busque no outro, através de um movimento de desejo, diminuir o sofrimento que pode assumir contornos traumáticos diante de situações trágicas.

Trauma, trabalho de luto e paradoxo

Freud, no início de sua obra, interessou-se em estudar os eventos do trauma a partir da clínica da histeria. No texto *Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar*, em conjunto com Breuer, Freud (1893/1980) traz sobre uma ligação entre trauma e histeria em que a lembrança do evento traumático desencadearia uma dor psíquica que seria lembrada na consciência. Nesse sentido, Freud destaca “que o trauma psíquico ou, mais precisamente, a lembrança do mesmo age como um corpo estranho que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente atuante no presente” (Freud, 1893/1980, p.23). Desse modo, o trauma ganha contornos atemporais, sendo seus resultados, a um nível psíquico, presentes mesmo depois do evento traumático em si.

Mais tarde, Freud (1926/2014) no texto *Inibição, Sintoma e Angústia* delineia que os estados afetivos a partir do trauma, evidenciado na angústia, podem aparecer nas manifestações sintomáticas. Assim sendo, uma situação traumática se daria a partir de uma vivência de desamparo em que o Eu não consegue lidar com uma carga de excitação excessiva, determinando a angústia (Coelho, 2020). Birman (2022) enfatiza que uma defesa do aparelho psíquico aos eventos que podem ocorrer, essa defesa teria um caráter transformativo de uma estrutura que a princípio seria de uma lógica invisível para uma lógica visível e de algo indizível em algo dizível. Assim, haveria uma transformação do conteúdo psíquico dos eventos traumáticos em conteúdos que podem ser traduzidos de forma que o sujeito poderia melhor

suportar. Maldonado e Cardoso (2009, p.46) lembram que o trauma se coloca “como um afluxo pulsional excessivo, sobrepondo à capacidade do psiquismo de ligá-lo e elaborá-lo.” Ou seja, o evento traumático estaria fora de uma representação psíquica o que ganha contornos irreparáveis e se apresentaria como algo indizível e inenarrável.

Ferenczi contribuiu substancialmente para os estudos de trauma dentro da teoria psicanalítica, ao fundamentá-lo como consequência de traumas primários, originados na infância em razão das respostas inadequadas do adulto, muito ausente ou muito presente, diante das situações de angústia da criança. No texto *Diário clínico*, Ferenczi (1932/1990) destaca que diante de uma situação muito intensa em que há ausência de defesas, o ego precisa se defender de uma maneira autoplástica, ou seja, modificando a si mesmo através de fragmentações. Essa seria uma tentativa de apagar os eventos acontecidos através de uma clivagem do ego, ou seja, uma parte do ego é destruído, a saber, a parte insuportável da experiência traumática.

Neste sentido, a morte de alguém próximo pode ter seu aspecto traumático e exigir uma elaboração da situação através de um trabalho de luto. Sendo assim, Freud definiu o luto em sua obra *Luto e Melancolia* (1917/2010, p.171) como “a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc”. Freud destaca a ideia de trabalho de luto em um sentido de transformação e nesse processo de luto o sujeito encontra dificuldades em se desvincular do objeto da libido e se desconectar da ligação erótica relacionada aquela pessoa. Dessa maneira, o luto mobiliza uma intensa energia psíquica, ocupando o ego nesse processo. Como aponta Magdaleno Júnior: “O sujeito vive um processo que poderia mesmo ser considerado um adoecimento, caso não fosse tão corriqueiro e natural, pois, durante ele, grande parte da energia psíquica disponível fica ocupada nessa dedicação exclusiva ao objeto perdido” (Magdaleno Júnior, 2016, p.278). Nessa perspectiva, situações de luto precisam passar por um caráter de transformação psíquica para que a libido seja retirada

do objeto amado que não existe mais, e o eu fique “novamente livre e desimpedido” para o investimento em um novo objeto (Freud, 1917/2010, p.174).

A questão do trabalho de luto, fica mais complexa quando, concomitantemente, o luto aparece dentro de um exercício de parentalidade repentino e não planejado. Quando avós assumem a parentalidade em razão de uma situação trágica, como a morte de um filho, o trabalho de luto ganha contornos mais enigmáticos.

Na situação trágica do luto, em que um dos filhos morrem, os avós precisam lidar com a função parental e ao mesmo tempo com o trabalho de luto e uma dor psíquica que pode ganhar contornos traumáticos. Dentro do contexto de luto, esses avós são convocados a uma dupla tarefa: lidar com a própria dor e angústia, que muitas vezes sobrepõe a capacidade do psiquismo de elaborar e administrar os cuidados parentais a um ser humano em desenvolvimento, o neto. De modo que, essa dupla tarefa envolve situações conflitantes e até mesmo antagônicas, instaurando-se então um paradoxo: assumir a função parental de um ser humano em desenvolvimento e lidar com a situação trágica da perda de um filho, como é ilustrado no caso clínico a ser apresentado.

Na psicologia, os estudos sobre paradoxo iniciam-se com a escola de Palo Alto dentro de uma teoria sistêmica com ênfase nos vínculos. Essa teoria enfatiza um paradoxo comunicacional devido a formas de desvios na comunicação através de mensagens de conteúdos dúbios e que geram conflitos e incertezas (Bateson, Jackson, Haley & Weakland, 1956). Na clínica psicanalítica, o paradoxo aparece nos estudos de Winnicott, o qual chamou de paradoxo fundamental, em que qualidades opostas e contraditórias podem estar no espaço potencial da maturação do bebê. O paradoxo acontece à medida que inicia-se uma separação entre mãe e bebê em que, a experiência de onipotência do bebê permite que ele vivencie o desconhecido da separação. Há um processo de simbolização que permite o desenvolvimento da vida psíquica (Rache, 2008).

Villani (1999) delinea uma compreensão sobre um paradoxo original que acarretaria o sujeito em sua angústia. Esse paradoxo corresponde a uma angústia crescente em determinados momentos da vida e que o controle escaparia, mesmo que o sujeito quisesse controlar. Já Roussillon (2005), traz o conceito de “Transferência Paradoxal” destacando o paradoxo que pode incorrer na relação analista e situação psicanalítica. Assim, essa relação é composta por variados dilemas que constituem os processos do quadro psicanalítico e desenvolvem condições de possibilidades de encontrar recursos de representações dos processos constituintes. Figueiredo (2009) delinea o paradoxo a partir de três ângulos fundamentais, destacando o sujeito como um desses ângulos. Dessa forma, o sujeito da psicanálise já carrega consigo uma dimensão paradoxal, uma vez que o paradoxo está na constituição da subjetividade. Sendo assim, o conceito de paradoxo é sustentado dentro da psicanálise, pois ela objetiva aproximar-se do ser humano, uma vez que o paradoxo corresponde ao próprio movimento do homem (Rache, 2008).

Outra situação de paradoxo envolvendo a avó pode ser identificada no romance grego moderno de Alexandros Papadiamantis (1851-1911) “*Les petites filles et la mort*”. Nesse romance, uma avó se dá conta que sempre viveu em servidão em relação a família, pois cuidou de seus filhos e agora cuida de suas netas em uma posição de servidão. Essa servidão, que atinge as mulheres de modo transgeracional, motiva na avó a morte das netas como a única saída para interromper a servidão imposta à condição feminina na sociedade (Papadiamantis, 1995). O ato de matar as netas instaura um paradoxo, pois esse ato, por mais que carregadas de intenções genuínas, ultrapassa os limites do que é saudável e correto socialmente (Menelaou, 2019). Assim, esse romance exhibe um outro tipo de paradoxo na relação avós e netos: há uma servidão que se perpetua, ou seja, o paradoxo aparece na servidão por amor que essa avó é colocada diante da família. É certo que, a narrativa grega enfatiza intensamente a tragédia do romance. No entanto, nas situações paradoxais de parentalidade frente a situações trágicas, há,

analogicamente, o paradoxo da servidão ao neto que os avós precisam encarregar-se. Servidão que é agravada pelo peso da situação trágica mas que, também contém amor.

Método

Este trabalho trata-se de uma discussão baseada em um caso clínico desenvolvido a partir de atendimentos psicoterápicos breves de orientação psicanalítica a uma avó que obteve a guarda do neto após o falecimento do filho. O método do estudo de caso na psicanálise está diretamente relacionado à experiência clínica, em que realiza-se o atendimento clínico e após este atendimento, levanta-se o sentido do que sucedera na clínica do caso, caminho marcados por ditos, mas também por não ditos que permeia o universo da clínica psicanalítica (Guimarães & Bento, 2008). Os autores definem o estudo de caso como “sendo a escrita da clínica analítica, do “pathos”, incluindo, além da sua mera descrição, a sua teorização” (Guimarães & Bento, 2008, p. 93).

Este trabalho seguiu os procedimentos éticos e legais, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília e pela instituição escolar em que os atendimentos foram realizados. Foram obtidas as autorizações necessárias dos participantes e os nomes utilizados aqui são fictícios para preservação das identidades. O tema da parentalidade foi desenvolvido dentro de um projeto de pesquisa sobre parentalidade que visa a formação de profissionais de saúde em Brasília e em Niterói e fez com que eu me mobilizasse a discutir sobre a temática a partir da minha experiência como psicóloga em um espaço educativo. Sendo assim, o estudo de caso apresentado foi decorrente de atendimentos psicológicos realizados no âmbito da educação.

O caso que será apresentado é protagonizado por uma avó, Maria (nome fictício) e seu neto Lucas (nome fictício) que foram encaminhados para atendimento a pedido da escola em que Lucas frequenta. Ambos foram atendidos individualmente e em conjunto durante o período

entre o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre de 2022, os atendimentos tiveram duração de aproximadamente 50 minutos cada, totalizando 26 atendimentos que foram registrados no prontuário do paciente. Os relatos das sessões clínicas foram utilizados para a compreensão dos aspectos psicodinâmicos da relação entre a avó e o neto e dos aspectos relacionados à parentalidade exercida pela avó.

Neste estudo serão abordados aspectos psicodinâmicos que surgiram durante os atendimentos realizados, analisados a partir de um raciocínio clínico-qualitativo com embasamento psicanalítico. A memória inconsciente constitui objeto da teorização no estudo de caso e será apresentado aqui inspirado no que foi proposto por Guimarães e Bento (2008), sendo dividido em: escrita descritiva da história e escrita da análise e interpretação, articulando com aspectos da função parental, do vínculo e do paradoxo relacional.

Resultados e Discussão

Escrita Descritiva da História - Ilustração Clínica

Maria (65 anos), aposentada, procurou o serviço de atendimento psicológico na secretaria da escola municipal em que seu neto Lucas (5 anos) estudava. A coordenação escolar encaminhou ambos para atendimento psicoterápico breve à psicóloga da rede de educação do município. Maria trouxe Lucas ao atendimento com a queixa inicial de preocupação com o garoto, pois o pai havia falecido há aproximadamente um ano e Maria estava disputando a guarda dele com a “genitora” (termo usado por Maria para se referir a mãe de Lucas). Maria temia que a história da morte do pai de Lucas e a disputa de guarda pudesse trazer repercussões emocionais negativas à criança. Na época do falecimento do pai, Lucas residia com o pai, mãe e mais duas irmãs. Após a morte do pai, Lucas morou por alguns meses com a mãe e irmãs, quando Maria percebeu que a mãe de Lucas não estava exercendo os cuidados necessários e

entrou com um pedido de guarda judicial. No momento dos atendimentos, Lucas morava com a avó paterna, Maria, e com o avô enquanto esperava as decisões judiciais de guarda.

Maria teve 3 filhos, sendo o pai de Luca o caçula, descreveu ter sido zelosa com a educação dos filhos e por vezes demonstrava firmeza através de castigos e broncas. Maria relatou que o pai de Lucas era o filho mais presente que ela tinha e que a visitava constantemente. Além disso, ele era um pai dedicado e competente. A morte dele foi uma surpresa para ela, pois ele ainda era jovem e não tinha nenhuma doença. Durante os atendimentos, Maria relatou o quão doloroso foi esse momento.

Maria e Lucas sempre compareciam aos atendimentos no horário marcado. Maria demonstrava uma preocupação intensa com Lucas, era como se Lucas não conseguisse lidar com os acontecimentos da sua vida e com o trauma da morte do pai. Assim, o sentimento de preocupação com Lucas reforçava a queixa inicial de Maria e evidenciava uma preocupação com ela mesmo sobre a situação. Vale destacar que tanto o filho como o neto chamavam-se Lucas, ou seja, ambos tinham o mesmo nome: Lucas e Lucas filho.

A Função Parental, Vínculo e Paradoxo

A possibilidade de acolhimento a Maria e ao seu neto Lucas em um setting terapêutico propiciou a Maria melhor compreensão dos motivos pessoais para assumir a parentalidade do neto. Maria evidenciava que a razão de querer a guarda do neto era que *“comigo ele fica mais seguro e protegido”*, uma vez que segundo Maria, o que motivava a genitora pela guarda era a pensão a que Lucas tinha direito. Maria trazia em sua fala que a mãe de Lucas pouco se importava com ele, evidenciando uma preocupação: *“ela tem outros filhos que ficam sozinhos em casa, cada dia está com um namorado diferente”*, destacando que as trocas constantes de parceiros amorosos da mãe não seriam boas para Lucas.

O desejo de Maria para assumir a parentalidade de Lucas perpassa tanto uma dimensão consciente, quanto inconsciente. Ela relatava o desejo de exercer e suprir os cuidados diários do seu neto e argumentava que poderia realizar esses cuidados melhor que a mãe de Lucas. Por outro lado, estar junto ao neto e se ocupar dele, parecia um modo inconsciente de preencher um vazio deixado pela perda do filho.

A partir da escuta clínica de Maria e Lucas, é possível discutir a relação parental e o vínculo que se instaura entre avó e neto frente a uma situação trágica e inesperada como a morte de um filho. O trágico pode ser entendido como aquilo “que traz a morte, a desventura, o calamitoso ou sinistro. Em seu sentido literário significa esplêndido, grandioso, não inteligível, e é geralmente negativo” (Corrêa, 2006, p.41). Dessa forma, a situação do falecimento do filho é uma situação negativa, pode ter contornos trágicos e convoca aos integrantes da trama familiar à algum tipo de elaboração.

Diante dessa perda, essa avó é solicitada a assumir a função parental de maneira repentina, não planejada e sem tempo suficiente para fazer um trabalho de luto, o que pode caracterizar uma experiência traumática. Desse modo, essa experiência se concretiza tornando-se inevitável quando o sujeito não consegue se preparar para o pior de forma antecipada, incorrendo na angústia traumática de algo “indizível” e “invisível” que acontece no campo da pulsão de morte (Birman, 2022, p. 195). Essa pulsão de morte incorreria em uma morte psíquica e uma paralisação do trabalho psíquico do eu, provocando dor e destruição. Nesse sentido, pode-se dizer que há um paradoxo relacional que acontece na urgência de dar conta dos cuidados parentais impostos diante dessa situação trágica e traumática que torna-se ainda mais emblemática pelo fato dos pais não conseguirem realizar a função da parentalidade originalmente atribuída a eles.

O trauma dentro do contexto familiar é caracterizado por excessos de tensões e abundâncias de excitações que ultrapassam a capacidade de elaboração e de simbolização,

motivando lacunas no psiquismo familiar e irradiando para gerações seguintes (Lamanno Adamo, 2021). Maldonado e Cardoso (2009) relacionam o trauma psíquico com a incapacidade de elaboração da situação, ultrapassando as possibilidades de recalçamento. Os autores ainda enfatizam a estreita relação entre o traumático e o indizível no sentido de que o trauma psíquico deixa marcas inapagáveis na memória e paradoxalmente inenarráveis. Portanto, o paradoxo é trazido na tentativa de contar a experiência trágica, no entanto, essas experiências são impossíveis de serem narradas.

Backhouse e Graham (2013) destacam a dimensão paradoxal de dor e de amor que perpassa os avós ao assumirem a função de cuidados aos netos diante do imprevisto da morte de um filho. Os autores relatam que o amor aos netos e a possibilidade de proporcionar uma vida segura e feliz tem um aspecto gratificante. Por outro lado, há sentimentos de perda, luto, raiva, frustração e tristeza diante da transição repentina ao cuidado parental e dos desafios relacionados a esse cuidado. Dessa forma, é nessa transição repentina que o paradoxo relacional é imposto.

Para ilustrar o paradoxo, tomaremos emprestado, como ponto de partida, o conceito de paradoxo vindo dos estudos sistêmicos da escola de Palo Alto e da teoria do duplo vínculo proposta por Gregory Bateson. Bateson delineia sobre as mensagens paradoxais que se instauram em metamensagens que transitam nas dificuldades de comunicação. O Antropólogo discorre a teoria para explicar, através de mensagens enigmáticas e que provocam desorientação, a relação de pacientes esquizofrênicos com a mãe, trazendo um exemplo clássico na frase da mãe: "Vá para a cama, você está muito cansado e quero que você durma". Quando na verdade há uma impossibilidade da mãe estar em companhia a essa criança e uma não sustentação da permanência junto ao filho (Bateson et al., 1956). Assim, esse paradoxo ocorre nas relações com os indivíduos em que há a comunicação de sim e não ao mesmo tempo e uma distorção das bases da comunicação que acarreta um diálogo patológico, ambíguo e

paradoxal. Em outras palavras, os imperativos da comunicação se excluem mutuamente (Schroeder, 2006).

Roussillon (2005) contribui com essa discussão e aponta o paradoxo a partir dos trabalhos de Winnicott, que permeiam os processos de crescimento e amadurecimento da criança. Esse seria um paradoxo maturacional que possibilita uma continuidade psíquica, favorecendo que as rupturas sejam mais aceitáveis. Contrapondo ao paradoxo maturacional, Roussillon (2005) se refere ao paradoxo da teoria da comunicação de Palo Alto que ocorre em um nível patológico. Nesse paradoxo, há um bloqueio do desenvolvimento harmonioso pois, esses intensificam oposições e constroem dilemas. Assim, a teoria do paradoxo da comunicação pode servir de ilustração para trazer a discussão das mensagens paradoxais em que as situações trágicas, como a morte do filho, podem trazer na intensificação de oposições e dilemas e no bloqueio do desenvolvimento harmonioso dentro do vínculo e da parentalidade exercida por avós.

Rache (2008, p. 74) sublinha que o paradoxo seria “às dificuldades lógicas ou semânticas que advêm quando uma proposição contradiz a si mesma após ter-se afirmado”. Assim, na relação avó e neto, a contradição aparece no aspecto positivo da possibilidade de exercer a parentalidade ao neto e inconscientemente estar junto ao filho e, no aspecto negativo do contexto não favorável para o exercício de uma parentalidade. Essas mensagens são antagônicas, contrariáveis, incertas, conflituosas mas, convivem simultaneamente e interferem no vínculo entre avó e o neto.

Ainda que, a teoria da dupla vinculação tenha uma perspectiva sistêmica, na psicanálise, autores como Freud, Klein, Bion, Kaës, dentre outros, se dedicam a aprofundar e compreender o conceito de vínculo. Se o vínculo na avosidade, estruturado em uma aliança de ordem geracional, é o que garante a transmissão da vida psíquica intergeracional (Kaës, 2011), então, às diversas situações familiares negativas e positivas também podem comparecer nesse

vínculo e nessa transmissão. Os aspectos negativos aparecem nas transmissões de objetos perdidos, não ditos ou não elaborados que acabam sendo repassados entre as gerações. Os aspectos positivos são evidenciados nas identificações e mecanismos de defesas, que sustentam e garantem a continuidade e a manutenção de vínculos, utilizados em um processo de conservação psíquica (Kaës, 2013). Sendo assim, no caso apresentado, a situação trágica da morte pode interferir no vínculo entre avó e neto, tanto negativamente por uma transmissão de um material psíquico não elaborado entre as duas gerações, quanto positivamente, por um compartilhamento de identificações e mecanismos de defesas atuantes em um processo de conservação da avó e do neto. Em um dos atendimentos, Maria relata: “*eu tenho que ser forte por ele, mas é difícil, eu sei que ele também sofre*”, se referindo ao neto. Aqui, Maria nomeia uma identificação da dor e do sofrimento que ambos estão passando.

Na dupla vinculação ocorrem processos inconscientes e recalçados que colocam em cena o paradoxo, este, por sua vez, motiva ambivalências de condições opostas, como as expressadas inconscientemente nas fantasias dos desejos negados em contraste com as manifestações conscientes (Dias, 2021). No caso apresentado, o paradoxo coloca a avó frente a condições opostas manifestadas em desejos conscientes e inconscientes em relação a estar com o neto. Conscientemente: a avó quer suprir os cuidados parentais ao neto que é percebido como parte do filho, mas também tem que lidar com a perda e a falta ao saber que o filho não está mais vivo. Inconscientemente: o neto é colocado em um lugar na tentativa de preencher a falta do filho, mas também há sentimentos negativos como raiva, angústia e medo que perpassam essa relação, sendo também direcionados ao neto.

Durante os atendimentos, é importante destacar que Maria sempre estava vestida com camisetas com a foto do filho falecido estampada, algumas com a frase: saudades eternas. Maria vestia seu filho, como uma forma de carregá-lo no seu corpo, um filho que não estava mais em corpo presente, parecia que ela era o corpo dela e ao mesmo tempo, o corpo do filho.

Ao falar sobre o filho relata: *“Ele morreu com uma doença, era um pai muito presente, cuidava inclusive dos outros filhos dela”*, se referindo aos enteados. Maria traz o quanto o processo de internação e doença do filho foi doloroso: *“esse foi um momento difícil, ver ele assim daquele jeito no hospital, quando aconteceu foi horrível”*, se referindo ao falecimento do filho.

Na tentativa de uma simbolização e de elaboração da experiência que atravessa a morte do filho e a parentalidade assumida, a avó comunica algo aos outros ao estar sempre com a foto do filho em sua camiseta. Como nas palavras de Le Breton (2003, p.29) que traz a ideia de corpo como acessório *“É preciso se colocar para fora para se tornar a si mesmo”*, assim, ao vestir a camisa com a foto do filho, a avó coloca para fora o filho, em uma tentativa de conectar as partes fragmentadas do próprio eu diante do sofrimento. Dessa maneira, a avó comunica através da roupa que usa, o que sente sobre o filho perdido e o desejo de trazê-lo consigo ao ventre, como uma gestação, para que os outros o vejam e o lembrem. A experiência de poder gestar o filho perdido e de estar junto dele mostra uma tentativa psíquica a um trabalho de luto. Nesse sentido, uma outra face do paradoxo relacional se dá ao exercer a parentalidade ao neto concomitante com uma tentativa de elaboração da perda.

Na díade entre a avó e o neto, o paradoxo se expressa nesse sentimento de vida e de morte que acompanha a avó e que levanta as seguintes indagações: seria possível realizar um trabalho de luto em meio a responsabilidade de ocupar uma função parental inadiável? Ou, essa avó se sente impelida a dar conta do luto e do neto apressadamente?

Assumir as funções parentais diante da necessidade de um trabalho de luto coloca os avós em uma situação paradoxal pois, conforme Cremasco, Schinemann, e Pimenta (2015) destacam, a perda de um filho é caracterizada por uma dor infindável, com uma elaboração impossível, uma vez que o filho é insubstituível. No caso em discussão, a avó é atravessada por uma dor e luto pela perda do filho que perpassa a relação com o neto e aparece na recordação do filho perdido. Essa dor vem da impossibilidade de reviver os momentos junto

ao filho que não está mais presente, sendo que o neto suscita lembranças do filho morto e reforça ainda mais essa condição.

Ao pensar no luto no contexto da parentalidade é possível esboçarmos que esse seja envolvido também por um luto infinito, ou seja, uma imortalização do próprio processo de luto, terceira saída ao luto, proposto por Dunker (2019). Afinal, na ligação parental, há expectativas que decorrem das próprias projeções que os pais lançam sobre os filhos e a perda de um filho por óbito acarreta um descontinuação dessa relação, sendo parte da mãe perdida também (Cremasco, Schinemann, & Pimenta, 2015). Além disso, os autores destacam que ao perder um filho, abre-se uma ferida narcísica dos pais, mostrando a vulnerabilidade humana frente a perda do objeto amado, objetos em que há investimentos libidinais e intensos sentimentos, objetos não substituíveis.

Ao perder o objeto amado, o Ego tem um trabalho de assimilar qual é o objeto de desejo perdido e fazer um reinvestimento psíquico da libido direcionada a esse objeto, uma vez que ele não existe mais (Dunker, 2019). No entanto, nesse caso, há uma dificuldade de realizar esse trabalho de luto, pois o neto pela semelhança ao pai, convoca a avó a uma tentativa de substituição do filho pelo neto. A semelhança física de Lucas e do pai era sempre muito evidenciada por Maria: *“Ele é muito parecido com o pai, é o pai todinho”*. Além disso, Maria trazia certo incômodo em relação à semelhança de comportamentos entre Lucas e o pai. Era como se Lucas não pudesse se comportar igual ao pai, sendo visível nas falas e no comportamento de Maria o incômodo com tamanha semelhança: *“Estou falando isso de Lucas, mas meu filho também fazia da mesma forma.”* E quando indago se isso deixa Maria irritada, ela responde apressadamente: *“Sim, mas ele é o meu neto e não meu filho. Era mais fácil antes, eu sabia o que fazer.”* Maria traz que a grande semelhança entre ambos, o filho e o neto, a confunde na função que ela exerce: por vezes o neto é o filho, por vezes, é o neto, e Maria, por vezes, é a mãe e por vezes, é a avó. Além disso, para ela era mais fácil exercer os cuidados com

o filho, pois sabia o que precisava ser feito. Ao contrário, exercer os cuidados ao neto, a deixa irritada por colocá-la nessa posição de dúvida e incerteza. Dessa forma, Maria, ao olhar para o neto, encontrava um pouco do filho. Há uma outra dimensão paradoxal que é explicitada em dois movimentos que o neto suscita na avó: a semelhança ao pai que trazia um acalento e consolo em meio a sua dor e a semelhança ao pai que a fazia nunca esquecer que o filho não estava mais presente. Afinal, o neto Lucas, chama-se Lucas filho, filho de Lucas, que é o filho de Maria. A semelhança entre ambos não era apenas física, pois filho e neto também compartilhavam o mesmo nome, um paradoxo que atravessa a relação entre Maria e seu neto Lucas.

Um outro aspecto paradoxal dessa relação entre avó e neto se configura na diferença geracional entre ambos. A parentalidade exercida por avós mais velhos engloba uma particularidade desses avós que estão assumindo essa função, pois ao mesmo tempo que são da família, tem uma diferença importante de idade. No caso apresentado, a diferença de idade entre Maria e Lucas é de 60 anos. Essa diferença física apareceu no decorrer dos atendimentos em que Maria trazia comportamentos de Lucas que a irritava fortemente e que a deixava sem paciência. A exemplo, Maria falava da agitação, da fala alta e das perguntas que Lucas fazia sobre a vida: “ *ele fica mexendo com os braços e vai me dando um negócio, uma sensação ruim dentro de mim*”. Aqui, torna-se importante lembrar que para além de todos os aspectos psíquicos que envolvem o trauma e a parentalidade frente a um trabalho de luto, há as dificuldades impostas pelo próprio envelhecimento.

O investimento parental de um adulto mais velho é atravessado por desafios da própria condição do envelhecimento. Essa condição coloca o idoso frente a um processo de luto, tanto pelas perdas físicas da idade, como dificuldades de caminhar, diminuição da visão e da memória, contrastando com a pessoa que um dia foi, quanto pelas perdas de laços que vão se limitando com o tempo (Carneiro & Jorge, 2023). Os autores colocam que as perdas da velhice

confrontam o que foi idealizado na juventude, a saber, desfrutar de uma vida sem sofrimento. O paradoxo se dá justamente por se deparar com essas dificuldades das perdas da velhice, que de alguma forma são esperadas socialmente para aqueles que estão na avosidade mas, não para o exercício de uma parentalidade, pois pressupõe-se que este será realizado por alguém mais jovem.

Por fim, destaco o paradoxo da temporalidade em que o evento traumático do passado impõe uma exigência de fazer o luto do filho ao assumir as funções parentais ao neto no presente. Esse neto torna-se uma presentificação dolorosa do trauma da morte do filho. Ao pensar sobre a temporalidade do trauma, Cidade e Zornig (2016) destacam que a recordação que o sujeito tem sobre o evento corresponde a algo que foi processado e transformado psiquicamente e não ao fato exato em si. No caso apresentado, a situação traumática da morte do filho, acontecida no passado, vem sendo transformada e modificada psiquicamente à medida que a avó vivencia a parentalidade com o neto, acarretando uma transformação e modificação do evento traumático. Neste sentido, as autoras ainda sublinham que “uma experiência passada pode ser ressignificada em um contexto de experiência atual. É no a posteriori que vivências e acontecimentos do passado ganham novas configurações” (p. 41). Assim, o trauma ganha uma potência de transformação com o passar do tempo através de uma mesclagem entre passado e presente. A parentalidade ao neto, permite que a avó vivencie o trauma novamente, pois o neto presentifica esse trauma, ao mesmo tempo que permite uma transformação e ressignificação psíquica da situação vivenciada.

Os inúmeros desafios impostos por esses paradoxos relacionais que surgiram na parentalidade entre avó e neto motivou Maria a procurar o atendimento psicológico da cidade em que morava. Por isso, o serviço institucional da psicologia disponibilizado pela rede escolar do município serviu como um apoio e um suporte para dar conta desse paradoxo. Em vários momentos do atendimento, Maria verbalizou: “*eu estou aqui porque preciso de alguma ajuda*

com esse menino, que você me diga o que fazer”. Dessa forma, é importante destacar o papel das instituições no suporte da função parental, uma vez que a parentalidade traz inúmeros desafios a quem a exerce, especialmente quando os avós assumem essa função.

Embora o paradoxo relacional se dê em situações antagônicas, contrárias e até mesmo incertas, é possível perceber que o paradoxo instaurado frente ao exercício da parentalidade de Maria diante da situação trágica da morte não é necessariamente algo negativo. Esse paradoxo de exercer a parentalidade ao neto parece resgatar essa avó de uma situação trágica e possibilita que ela continue sustentando um investimento na vida. Investimento que precisa atravessar a parentalidade na avosidade e a elaboração de uma situação traumática vivenciada.

Considerações Finais

O caso clínico envolve a parentalidade de um adulto mais velho que já investiu na parentalidade do filho e agora é encarregado de investir novamente na parentalidade do neto devido ao falecimento do filho. A parentalidade exercida por avós inscreve a criança em um pertencimento familiar e em uma genealogia, ao mesmo tempo que denuncia a falta de uma geração, ou seja, uma falha parental que não foi sustentada. Ao tratarmos da parentalidade exercida por avós diante da situação trágica como a morte de um filho, é possível dizer que esses avós são convocados a uma dupla tarefa: lidar com a própria dor e angústia e administrar os cuidados parentais aos netos. E nessa dupla tarefa instaura-se paradoxos que confrontam a avó constantemente na parentalidade que ela tem que exercer. Desta forma, este trabalho construiu uma reflexão sobre como ocorre a parentalidade na avosidade dentro de uma situação trágica e os paradoxos relacionais impostos por essa situação.

Em uma referência a Freud sobre o luto, já anteriormente abordado neste artigo, uma vez que o objeto amado não está mais presente, é necessário um trabalho que possibilite a retirada da libido desse objeto (Freud, 1917/2010). As indagações que ficam são: seria possível

uma desvinculação desse objeto amado, uma vez que o neto lembra, através da semelhança física e do próprio nome, que o filho está morto? Ou é possível dizer que a situação paradoxal da parentalidade e do trabalho de luto é o que convoca esta mulher a se manter investida na vida?

O que parece é que toda a mobilização de um trabalho psíquico frente a esse paradoxo é o que convida esta avó a sair de uma comodidade e a permanecer investida na vida. Neste sentido, o trauma também teria um aspecto positivo na potencialidade da transformação, pois conforme Cidade e Zornig (2016, p. 30) destacam "o processo traumático pode levar à produção de narrativas subjetivas na medida em que desestabiliza, momentaneamente, as construções psíquicas operantes, tornando-se capaz de modificar formas, sentidos e significações na vida do sujeito". Em vista disso, a função parental que essa avó assume junto a seu neto com a morte de seu filho possibilita um reinvestimento psíquico de gozo na vida dessa avó. O paradoxo não tem um aspecto só negativo, pois embora tenha questões antagônicas, também abre caminhos para solução através de uma oportunidade para lidar com a perda, com o luto e com a experiência do traumático por meio de um trabalho de elaboração. Neste sentido, o paradoxo pode assumir um lugar tanto de algo que precisa ser enfrentado e elaborado, como de algo que precisa ser sustentado. Há um trabalho psíquico que essa avó precisa fazer, uma vez que os cuidados parentais a impedem de paralisar-se e impõe a necessidade e urgência de continuar um investimento na vida.

Referências

- Backhouse, J. & Graham, A. (2013). Grandparents Raising Their Grandchildren: Acknowledging the Experience of Grief. *Australian Social Work*, 66.
- Bateson, G., Jackson, D. D., Haley, J., & Weakland, J. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral science*, 1(4), 251-264.
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/bs.3830010402>
- Birman, J. (2022). Trauma, subjetivação e governabilidade na pandemia do Coronavírus. *Tempo Psicanalítico*, 54(1), 189-201.
<https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/643>
- Carneiro, R. H., & Jorge, M. A. C. (2023). Sobre velhices e lutos. *Trivium*, 1(1), 111-122.
<https://ojs.uva.br/index.php/trivium/article/view/384>
- Charazac, P. & Charazac-Brunel, M. (2020). L'accession Du Couple À La Grand-Parentalité Et La Transmission Entre Générations. *Dialogue*, 230 (4), 65-79.
<https://www.cairn.info/revue-dialogue-2020-4-page-65.htm>
- Cidade, N. O. P. & Zornig, S. A. (2016). Trauma, temporalidade e inscrição psíquica. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 38(35), 29-47.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v38n35/v38n35a02.pdf>
- Coelho, R. (2020). Trauma, angústia e desamparo: contribuições da psicanálise à saúde mental no trabalho. *Psicanálise & Trabalho*, 53.
- Corrêa, C. P. (2006). O trágico e a tragédia, vinculação e escolha. *Cógito*, 7, 41-47.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt
- Creiasco, M. V. F., Schinemann, D., & Pimenta, S. D. O. (2015). Mães que perderam filhos: uma leitura psicanalítica do filme Rabbit Hole. *Psicologia: ciência e profissão*, 35, 54-68. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/L7kmJggg3TzjLX4GxBYfqNp/abstract/?lang=pt>

- Deus, M. D. & Dias, A. C. G. (2016). Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. *Pensando famílias*, 20(2), 56-69.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100009
- Dias, M. L. (2021). Duplo Vínculo. In R.B Levisky, M.L. Dias & D.L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família*, (135- 138). Editora Blucher.
- Dunker, C. I. L. (2019). Teoria do luto em psicanálise. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 8(2), 28-42. <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/226>
- Figueiredo, L. C. (2009). As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea. In *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea* (pp. 231-231).
- Figueiredo, R., Araújo, L., & Amante, M. J. (2022). Quando os avós são, e têm de ser pais dos netos-revisão da literatura. In C. Magalhães, M.J. Amante, P. Xavier, S. Fonseca (Orgs.), *Políticas e Respostas para Crianças e Jovens em risco III - Da Prevenção à promoção da Autonomia*, (pp. 50-84). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.
- Ferenczi, S. (1932/1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1985 [1932]).
- Freud, S. (1893/1980). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar. In Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 2. Tradução Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1917/2010) Luto e melancolia. In: Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2013). *Freud-As pulsões e seus destinos—Edição bilíngue*. Autêntica.

- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In P. C. Souza (Coord.), *Obras completas* (Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1926).
- Guimarães, R. M., & Bento, V. E. S. (2008). O método do “estudo de caso” em psicanálise. *Psico*, 39(1), 91-99.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1484/2800>
- Godelier, M. (1999). *Cuerpo, parentesco y poder: perspectivas antropológicas y críticas*. Centro Cultural PUCE-Q.
- Gomes, I. C. & Zanetti, S. A. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular, *Psicologia USP*, 20 (1), 93-108. <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41990>
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Carneiro, T. F. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002
- Gratton, E., & Schneider, B. (2020). La grand-parentalité à l'épreuve de la diversité. *Dialogue*, 4(230), 9-17. <https://www.cairn.info/revue-dialogue-2020-4-page-9.htm>
- Gutierrez, D. M. D., Castro, E. H. B. & Pontes, K. D. D. S. (2011). Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do NUFEN*, 3(2), 3-24.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002
- Gutton, P. (2006). Parentalité. *Adolescence*, 24 (1), 9-32. <https://www.cairn.info/revue-adolescence-2006-1-page-9.htm>

- Houzel, D. (2003). Un Autre Regard Sur La Parentalité. *Enfances & Psy.* 21(1), 79-82.
<https://www.cairn.info/revue-enfances-et-psy-2003-1-page-79.htm>
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In: Solis-Ponton, L. (Org.). Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Houzel, D. (2010). *Transmission psychique (La): Parents et enfants*. Odile Jacob.
- Kaës, R. (2011). A realidade psíquica do vínculo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 155-166. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0486-641X2011000400017
- Kaës, R. (2013). Dispositifs Psychanalytiques et Émergences du Générationnel. In Eiguer, A. et al. (Orgs.), *Le générationnel*. (pp. 1-9). Dunod.
- Lacerda, C. B. S. (2020). *O papel das avós no sistema de relações familiares: estudo qualitativo transcultural Portugal – Brasil* [Dissertação de Mestrado, Universidade Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade Beira Interior.
<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11055>
- Lamanno Adamo, V. L. C. (2021). Trauma Familiar. In R.B Levisky, M.L. Dias & D.L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família*, (544-546). Editora Blucher.
- Le Breton, D. (2003). O corpo acessório. In Le Breton, D. *Adeus ao corpo* (pp 27- 54). Papyrus Editora.
- Levisky, R. B. (2021). Vínculo. In R.B Levisky, M.L. Dias & D.L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família*, (556-566). Editora Blucher.
- Lima, C. A. S. & Junior, A. R. (2014). O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. *Revista Educação-UNG-Ser*, 9(1), 61-83.
<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1622/1311>

- Magdaleno Júnior, R. (2016). Luto e Melancolia: Um texto em expansão. *Revista de estudo psicanalíticos*, 34, (1), 277-292.
https://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2014_2015_2016/Luto_e_Melancolia.pdf
- Mainetti, A. C., & Wanderbroocke, A. C. N. D. S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, 17(1), 87-98.
- Maldonado, G., & Cardoso, M. R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia clínica*, 21, 45-57.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652009000100004&script=sci_abstract
- Menelaou, I. (2019). The madness of 'The Murderess'. *RHiME*, 6,86-91.
- Mello, C. O., & de Santis, M. F. B. (2015). A dimensão da parentalidade no tratamento do paciente adulto. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(3), 17-28.
<https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v17n3a03.pdf>
- Melo, C. V., Magalhães, A. S., Carneiro, T. F., & Machado, R. N. (2017). As dimensões da comunicação na obra freudiana. *Contextos Clínicos*, 10(2), 235-246.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822017000200009
- Neyrand, G. (2007). La parentalité comme dispositif. mise en perspective des rapports familiaux et de la filiation. *Recherches familiales*, (4), 71-88.
<https://www.cairn.info/revue-recherches-familiales-2007-1-page-71.htm>
- Pais, V. A. G. (2013). *O papel dos avós: como percebem os avós a sua importância na educação dos netos* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra] Repositório Digital da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
<http://repositorio.esenfc.pt/?url=mAg1MM90>

- Papadiamantis, A. (1995). *Les petites filles et la mort*. Paris: Actes Sud.
- Passos, C. F., Neves, A. S., & Menezes, L. S. A. D. (2018). Prolegômenos do desamparo na psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21, 525-544.
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KkbNGcx4VqJkrRDRP7wdBbD/abstract/?lang=pt>
- Pinto, K. L. B., Arrais, A. D. R., & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, 19, 37-47.
<https://www.scielo.br/j/psuf/a/Xtj6dQBqrQW6bGjcL4hYNv/abstract/?lang=pt>
- Rache, E. (2008). O início do trabalho do paradoxo na clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(1), 74-81.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2008000100008&script=sci_abstract
- Ramos, N. (2017). Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: Avós e netos na contemporaneidade. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (227-247). Editora CRV.
- Robert, P. (2009). La Famille Et Les Générations. In F Marty (Ed.), *Les Grandes Problématiques De La Psychologie Clinique* (pp. 63-90). Dunod, Paris.
- Rombaldi, V. (2013). Reflexões sobre a avosidade na contemporaneidade. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Ed.), *Jornada do Percurso de Escola XI (II)* (55-64). Correio do APPOA.
- Roussillon, R. (2005). *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Presses Universitaires de France.
- Sampaio, M. A. P., Pereira, S. D. R. B., Osório, N. B., & Neto, L. S. S. (2021). A construção da avosidade na literatura científica Brasileira: uma revisão integrativa de literatura.

- Brazilian Journal of Development*, 7(3), 24565-24576.
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26126>
- Schroeder, V. (2006). *O paradoxo na comunicação humana: múltiplos e duplos vínculos* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/15309>
- Scremin, A. L. X., & Bottoli, C. (2016). Avós e netos: o exercício de uma parentalidade. *Barbarói*, 48(1), 234-252.
<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/5486>
- Silva, C. C. F. M. (2014). Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional da Universidade Estadual Paulista. <https://repositorio.unesp.br/items/94a14765-0b11-4765-afb8-9e2c30b4ec16>
- Veludo, C. M. B., & Viana, T. D. C. (2012). Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(51), 111-118.
<https://www.scielo.br/j/paideia/a/KhxTLrpqHcTq5ZGMPMM5B3F/abstract/?lang=pt>
#
- Villani, A. (1999). Psicanálise e educação: tarefas "intrigantes"?. *Estilos da Clínica*, 4(6), 126-137. <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60792>
- Wu, Q., Xu, Y., & Jedwab, M. (2021). Custodial grandparent's job loss during the COVID-19 pandemic and its relationship with parenting stress and mental health. *Journal of Applied Gerontology*, 40(9), 923-933.
<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/07334648211006222>
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382010000200010&script=sci_abstract

MANUSCRITO 2
PARENTALIDADE EXERCIDA POR AVÓS:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

MANUSCRITO 2
PARENTALIDADE EXERCIDA POR AVÓS:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Resumo

A contemporaneidade traz desafios importantes relacionados à parentalidade. Quando a função parental é assumida pelos avós, essas dificuldades atravessam aspectos geracionais, culturais e psíquicos que interferem diretamente na relação de cuidado com os netos. O objetivo deste trabalho é discutir alguns desafios que perpassam a parentalidade exercida por avós na contemporaneidade. Será apresentado um fragmento de um caso clínico de uma avó que assume os cuidados parentais da neta em função do abandono da mãe. As transmissões transgeracionais aparecem na repetição familiar da avó, da mãe e da neta, evocando na avó uma necessidade de reparação da parentalidade. A exclusão digital e a baixa escolaridade da avó, a coloca em uma posição de dificuldade de colaborar com a educação dos netos na função parental. A relação com a sexualidade e com o corpo também aparecem como um desafio, tendo em vista, o modo de relação com o corpo, com o gênero e com a sexualidade que evidenciam a diferença geracional entre avó e a neta. Conclui-se, então, que ao assumir a parentalidade, a avó é confrontada constantemente com as diferenças geracionais e com um investimento em uma parentalidade ideal. É importante destacar que existe um marco nessa relação pela via das transmissões psíquicas e pelas repetições que atravessam a história familiar em que a neta está inscrita.

Palavras-chave: Parentalidade; avós; contemporaneidade.

Abstract

Contemporary times bring important challenges related to parenting. When the parental role is assumed by grandparents, these difficulties cut across generational, cultural and psychological aspects that directly interfere with the care relationship with grandchildren. The objective of this work is to discuss some challenges that permeate parenting carried out by grandparents in contemporary times. A fragment of a clinical case will be presented of a grandmother who assumes parental care for her granddaughter due to her mother's abandonment. Transgenerational transmissions appear in the family repetition of the grandmother, mother and granddaughter, evoking in the grandmother a need to repair parenting. The digital divide and the grandmother's low level of education put her in a position of difficulty in helping to educate her grandchildren in her parental role. The relationship with sexuality and the body also appears as a challenge, considering the way of relating to the body, gender and sexuality that highlights the generational difference between grandmother and granddaughter. It is concluded, then, that when assuming parenthood, the grandmother is constantly confronted with generational differences and with an investment in ideal parenting. It is important to highlight that there is a milestone in this relationship through psychic transmissions and repetitions that run through the family history in which the granddaughter is inscribed.

Key-words: Parenting; Grandparents; Contemporary

Introdução

A contemporaneidade traz questões importantes relacionadas à parentalidade e impõe desafios a quem a exerce. Quando a função parental é desempenhada por avós, há especificidades dessa parentalidade, como por exemplo, conflitos geracionais e paradoxos em torno de assumir um papel que originalmente é atribuído aos filhos. Somados a isso, há o próprio aspecto atual da sociedade e as vicissitudes contemporâneas que confrontam aqueles na função parental, uma vez que a parentalidade está inserida em um laço social, abrindo novas perspectivas e desafios para quem exerce o cuidado. Quando os avós exercem os cuidados parentais, diferenças geracionais podem aparecer fortemente nessa relação. Afinal, os avós não são de uma geração imediata, correspondendo a uma geração distante dos netos, uma vez que entre avós e netos há ainda uma outra geração, a dos pais.

Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar, por meio de um estudo de caso, os desafios na função parental de uma avó que assume a parentalidade da neta em consequência do abandono da mãe. Com isso, propõe-se discutir as diferenças geracionais que atravessam a relação de avós e netos na contemporaneidade. Embora a relação entre avós e netos seja discutida na literatura, há poucos estudos que apresentem a função parental na avosidade (Sampaio, Pereira, Osório & Neto, 2021) e que evidencie aspectos das diferenças geracionais e da contemporaneidade.

Contemporaneidade e Parentalidade

O dicionário *Houaiss* (Houaiss, Villar & Franco, 2009) em uma das definições da palavra contemporâneo coloca como algo “que é do tempo atual”. O termo contemporâneo é utilizado para se referir aos tempos atuais iniciados a partir de uma “crise da modernidade”, marcada por um movimento em que grandes visões filosóficas, políticas e religiosas foram

colocadas em xeque e perderam a legitimidade, surgindo assim, novas formas de subjetivação (Portela, 2008).

Desse modo, o contemporâneo aparece como algo da atualidade e posiciona a psicanálise para refletir aspectos dessas novas formas de subjetivação em uma época marcada por um excesso de narcisismo e por exigências superegóicas que colocam o indivíduo em constante busca por um gozo ideal, gozo inserido tanto na renúncia como também no acúmulo (Oliveira & Hanke, 2017). Em consequência, a contemporaneidade cede o lugar advindo das neuroses clássicas e coloca questões relativas a um sofrimento social em que a angústia dá lugar à depressão pelo excesso de sensibilidade da autoimagem, que caracteriza formas de subjetivação (Birman, 2007).

Birman (2007) destaca as novas configurações familiares, como por exemplo, as famílias monoparentais, casais com apenas um filho, famílias compostas por filhos de outros casamentos, dentre outras, que caracterizam a sociedade contemporânea. O autor também sublinha as mudanças psíquicas características da atualidade, que colocam em jogo e evidenciam subjetividades contemporâneas, como compulsões, doenças do corpo, dentre outras, destacando que há a fragilidade dos processos de simbolização.

Gorin, Mello, Machado e Féres-Carneiro (2015) enfatizam que as famílias contemporâneas são constituídas por uma procura intensa pela satisfação e por um crescente individualismo que influencia como se dará o vínculo entre as pessoas. Contribuindo com essa discussão, Silva, Rabinovich e Amorim (2019) delineiam que a sociedade contemporânea é regida por uma ótica de consumo e de incessante busca de prazer e bem-estar, fazendo com que a busca pelo amor e pela realização sexual tornasse fundamentos legítimos para as uniões conjugais. Há uma maior liberdade na escolha dos relacionamentos, no entanto, também há mais volatilidade nessas relações (Bauman, 2004). Além disso, uma outra característica das famílias contemporâneas é a desprivatização do ambiente familiar, caracterizado pelo aumento

crescente dos meios de comunicação e tecnologias que expõem e comprometem a privacidade dentro do ambiente familiar. Privacidade fundamental que permite a transmissão de valores pelos mais velhos (Silva, Rabinovich & Amorim, 2019). Dessa forma, as dimensões da contemporaneidade, marcada pelo excesso de individualismo e de narcisismo acarretam transformações subjetivas na sociedade que podem ser observadas no contexto da família (Daró, 2018) e conseqüentemente dentro do cenário da parentalidade.

Parentalidade é o termo traduzido do Francês *Parentalité* que caracteriza o modo dinâmico de torna-se pai e mãe de alguém para além do aspecto biológico. Envolve características conscientes e inconscientes que são moldadas pela experiência do sujeito com a própria família e pelo contexto sociocultural em que estão inseridos (Gorin et al., 2015). Os autores ainda enfatizam que a parentalidade envolve modificações psíquicas em prol de um outro, que deve ser cuidado. E pela própria subjetividade, que se manifesta em medos, ideias, expectativas para o futuro e engloba os próprios modelos parentais e experiências que tiveram na infância. Assumir o papel e responsabilidade sobre alguém que está em desenvolvimento, com objetivo de protegê-lo, cuidar e transmitir valores humanos, faz com que a função parental una as figuras que exercem cuidado para fazer e trazer o que é necessário para esse novo ser que ainda é impotente. E que embora tenha necessidades temporárias específicas, também tem uma perspectiva de um futuro (Aubert-Godard, 2009).

Nas sociedades contemporâneas, o desejo da família e conseqüentemente desejos que giram em torno da filiação têm sido colocados como o centro de grandes debates. A contemporaneidade apresenta o reflexo de alianças familiares mais frágeis, uniões instáveis e mais voláteis, múltiplas composições familiares abrindo espaços para debates atuais que colocam as temáticas sobre filiação e parentalidade ainda configurando como tema central das discussões da sociedade (Silva, Rabinovich, & Amorim, 2019).

Essas discussões sobre famílias contemporâneas abrem espaço para se pensar nos mais variados modos de construção e exercício de uma parentalidade, que ultrapassa a parentalidade exercida pelos genitores. Sendo assim, o próprio aspecto da contemporaneidade, inserido em uma busca de satisfação, remodela novas parentalidades através do “rompimento das relações em função da ausência de amor e/ou desejo sexual pelo parceiro, a pressão no sentido de uma maior igualdade entre os sexos e o movimento de valorização da infância nas últimas décadas” (Gorin et al.,2015, p.8). A contemporaneidade inaugura caminhos para que a família possa ser alicerçada na afetividade, abrindo espaços para o que se denomina multiparentalidades (Tybusch & Lemos, 2019). Dessa maneira, possibilitando a parentalidade fora da organização patriarcal e heteronormativa, com configurações familiares homo, multi e mono parentais, que não necessariamente são atreladas a aspectos genéticos ou biológicos. Dessa maneira, caracterizam famílias monoparentais quando o exercício do cuidado da criança é realizado por um único adulto, as famílias homoparentais referem-se aquelas em que a criança é cuidada por pelo menos um adulto que se auto identifica como homossexual. Já as famílias pluriparentais se caracterizam quando os cuidados são realizados por mais de dois adultos (Pombo, 2019).

Por conseguinte, mesmo contagiada pelas grandes transformações contemporâneas da sociedade, a família continua como importante, pois tem a capacidade de ajustar-se ao meio social em que está inserida e promover pertencimento. Em todos os arranjos familiares da contemporaneidade há o lugar ocupado pela criança que circula e transita o imaginário social e o desejo daqueles que estão na função de cuidar (Felippi & Itaquí, 2015). Vale ainda destacar que a parentalidade agrega e identifica valores construídos ao longo da história, não sendo limitada a alguma organização familiar de determinada época específica e sim como algo dinâmico que constrói o que é ser pai e mãe de alguém (Gorin et al.,2015).

A procura pelo prazer e pelo bem-estar marca a contemporaneidade em um investimento na melhoria das tecnologias e nos cuidados com a saúde, favorecendo um

aumento da longevidade entre os membros da família e conseqüentemente novas reconfigurações sociais e familiares que colocam em convívio as diferentes gerações. Neste sentido, uma das características da sociedade contemporânea é o envelhecimento, caracterizando o século XXI como o século dos avós e dos idosos, evidenciando um aumento significativo das gerações mais velhas (Ramos, 2017).

Assim, dentro das discussões sobre parentalidade e observando as diversas configurações familiares e modificações da sociedade contemporânea, é necessário pensar em famílias compostas por avós e netos em que esses avós, por algum motivo, assumiram a parentalidade em relação aos netos.

Avosidade x parentalidade exercida pelos avós

Os avós mostram-se como importantes figuras nas dinâmicas familiares, personagens que aparecem tanto como recurso de ajuda econômica aos filhos, como também suporte nos cuidados, transmitindo saberes intergeracionais. Além disso, é muito evidenciado na literatura que a relação construída entre avós e netos, marcada por um amor incondicional e por uma relação “açucarada”, contribuem para o desenvolvimento saudável das crianças e podem auxiliar na relação entre os pais e os filhos (Figueiredo, Araújo & Amante, 2022; Lacerda, 2020; Rodrigues, 2013). Sendo assim, avosidade é o termo utilizado para designar essa etapa da vida de tornar-se avós, exigindo uma elaboração das funções desempenhadas na família anteriormente (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Esse termo é construído, dado que cada vez mais, os idosos estão mais ativos e participativos dentro das famílias na contemporaneidade, resultado do aumento da expectativa de vida que permite a convivência de três ou mais gerações (Sampaio et al., 2021).

O que é possível observar é que nos últimos anos, a figura dos avós dentro da família tem se modificado. A expectativa de vida contribui para que cada vez mais, os avós estejam

inseridos nos cuidados com os netos. Embora o envelhecimento seja visto como algo negativo na contemporaneidade, os idosos estão cada vez mais ativos e conquistando espaços enquanto atores sociais (Lima & Cunha, 2021). Dessa maneira, quando tratamos da figura dos avós na família e na sociedade é importante fazer uma distinção entre os diferentes tipos de funções e lugares assumidos pelos avós: há aqueles que participam da vida dos netos esporadicamente, mas não estão na função de cuidadores dos netos, há aqueles que exercem a função de cuidado em determinados momentos, e por fim há aqueles que assumem a função parental aos netos (Scremin & Bottoli, 2016). Neste último caso, os pais estão impossibilitados de assumir essa função, ou seja, há uma falha parental e como consequência, essa parentalidade é transferida aos avós.

Neste sentido, uma parentalidade exercida na avosidade não estaria isenta de conflitos, sentimentos negativos e ambivalências, também advindos da própria avosidade que exige uma elaboração de posições e estágios assumidos anteriormente na família e sociedade (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). Quando se trata de assumir a função parental, há um desafio para os avós, uma vez que, entre os principais motivos desta transferência da parentalidade estão a falta de condições físicas, psíquicas, emocionais ou econômicas dos genitores (Figueiredo, Araújo & Amante, 2022; Gomes & Zanetti, 2009; Lacerda, 2020; Mainetti & Wanderbroocke, 2013). Dessa forma, caracterizando situações negativas e conflituosas que precisam ser administradas, simbolizadas e elaboradas, tanto pelos avós como pelo restante da família.

A parentalidade assumida pela segunda vez, considerando que esses avós já exercem função parental aos filhos, pode colocar novos desafios diante deles, caracterizado por valores contemporâneos que se diferenciam dos valores dos avós. Na função de cuidado, os avós encontram-se diante de desafios, tais como: posturas mais liberais quanto a certos comportamentos relacionados a violência, álcool ou a sexualidade, a inserção das tecnologias da informação e da internet, as novas formas de comunicação, dentre outro, que se montam

como fonte de conflitos e dificuldades para esses avós (Ramos, 2017). Esses desafios que os avós enfrentam evidenciam as diferenças geracionais e que identificam modificações de uma sociedade em determinada época.

No contexto da função parental ocupada por avós, Jorge e Lind (2015) destacam que esses avós veem na parentalidade aos netos, uma nova oportunidade de exercer melhor a parentalidade, principalmente diante de sentimentos negativos como a culpa quando os pais não foram capazes de cuidar. Neste sentido, Alvares e Dionísio (2022) referem que a culpa, frustrações e ambivalências aparecem na parentalidade, essa culpabilização advém dos sentimentos individualistas e neoliberais da sociedade contemporânea sobre uma responsabilização quanto ao sucesso e fracasso dos filhos, e conseqüentemente, ao sucesso e fracasso da parentalidade. Vera Iaconelli (2019, p. 32) delinea a “culpa estratosférica” em que os pais precisam se haver no exercício da parentalidade, uma vez que o filho idealizado não é o mesmo que está presente na relação com a figuras parentais, essa culpa gera uma responsabilização excessiva por tudo que acontece com o filho. Por isso, quando a parentalidade acontece na avosidade, os sentimentos de culpa e de remorso que emergiram da primeira parentalidade assumida podem ressurgir e essa culpabilização impõe uma necessidade de fazer novamente, porém em um novo lugar ocupado, o da avosidade.

Quando a parentalidade é exercida por avós, o choque entre as gerações pode aparecer de forma mais clara dentro do convívio familiar. Por essa razão, discussões sobre a função parental na avosidade são importantes para compreender como esses avós são confrontados com tantas diferenças entre as gerações. Essa diferença, que não aparenta apenas na idade mas também dentro de um contexto social, cultural e contemporâneo, pode interferir na comunicação entre avós e netos, podendo caracterizar como um bloqueio na relação, principalmente quando os avós encontram-se na figura de cuidadores (Cappelli & Oliveira, 2015). Somados a isso, há os desafios físicos e emocionais que acompanham o envelhecimento,

o que pode afetar a sua capacidade de prestar cuidados e apoio aos netos (Lacerda, 2020). Nesse sentido, há uma pressão que recai sobre a própria saúde e bem-estar devido às demandas impostas aos avós por causa dos cuidados com os netos.

A parentalidade na avosidade muitas vezes não é uma escolha, sendo aos avós determinado essa tarefa tanto juridicamente quanto informalmente. Essa pode ser uma função ambivalente, uma vez que, por um lado há o sentimento de proporcionar afeto e segurança ao neto assegurando-o a permanência no núcleo familiar, por outro lado, há sobrecargas e cansaços físicos e emocionais (Lacerda, 2020). No entanto, a parentalidade pode atribuir funções sociais e psíquicas significativas aos avós novamente, auxiliando em uma espécie de desfragmentação da identidade, uma vez que na velhice, a identidade mantém-se fragmentada pelas perdas das funções na sociedade, dificultando que recursos adaptativos compareçam (Silva & Moreira, 2016). Dessa maneira, a parentalidade pode ser uma forma de assumir funções sociais novamente, favorecendo que esses recursos adaptativos, outroras perdidos, possam aparecer.

Dentro das famílias, ocorrem transmissões psíquicas transgeracionais e intergeracionais. Golse (2019) evidencia que as transmissões psíquicas transgeracionais acontecem sem o contato das gerações diretas e sucedem de forma descendente. Neste sentido, Trachtenberg (2023) sublinha que as transmissões transgeracionais caracteriza-se por uma transmissão transpsíquica em que são passados às gerações conteúdos não transformados, fantasmas, silêncios e vazios, caracterizando uma cadeia traumática transgeracional. Já as transmissões intergeracionais, acontecem no contato direto entre as gerações, podendo ocorrer tanto em um sentido descendente, quanto ascendente (Golse, 2019). Contribuindo com essa compreensão, Trachtenberg (2023) destaca que, na transmissão psíquica intergeracional sucedem os vínculos e acontece a historização e o pertencimento do sujeito, uma vez que os conteúdos transmitidos são elaborados e permite identificações.

Os avós são importantes atores nas transmissões entre as gerações, favorecendo a construção de laços intergeracionais e identitários que possibilitam que os vínculos afetivos se instaurarem (Ramos, 2017). Neste sentido, a autora ainda destaca que dentre os conteúdos transmitidos, estão saberes, tradições, solidariedade e valores, que estabelecem elos de ligação entre as gerações e a construção de novas identidades individuais e grupais. Nessa lógica, as heranças familiares são transmitidas, mas também há uma modificação e atualização dessas heranças repassadas. Na parentalidade, a transmissão psíquica é o que atravessa as gerações, contribuindo para compreendermos o modo como os pais podem influenciar na afetividade dos filhos. No entanto, a contemporaneidade abriu espaço para se pensar que as heranças familiares transmitidas entre as gerações, todavia podem ser repassadas sem uma transformação, transmitindo também o que se tem de patológico, caracterizando uma psicopatologia da transmissão, ou seja, por uma transmissão transgeracional (Scorsolini-Comin & Santos, 2016).

Dentre os conteúdos psíquicos transferidos dentro da família, há a transmissão dos conteúdos conscientes e inconscientes. A transmissão consciente envolve intenções objetivas caracterizando pela educação em um sentido amplo. Já na transmissão inconsciente há a transferência de hábitos e formas de representar e acontece sem o conhecimento do sujeito, logo não são reprimidas (Robert, 2009). Além disso, o autor também inclui nessa categoria o segredo de família, que pode ser transmitido inconscientemente às próximas gerações, este, caracterizam-se por materiais psíquicos inconscientes que podem emergir na forma de sintomas ou comportamentos. Dessa maneira, essas transmissões também são constituídas por não ditos e por aquilo que não foi simbolizado que aparecem dentro da transmissão geracional nos vínculos familiares, tanto no espaço transobjetivo quanto no espaço intersubjetivo do sujeito (Rehbein e Chatelard, 2013). Deste modo, a parentalidade exercida por avós está inserida dentro de um contexto de transmissão psíquica intergeracional e transgeracional, em que além

das transmissões que vincula as gerações e geram pertencimentos, há a transmissão de conteúdos não simbolizados e patológicos.

Portanto, se torna inegável que a função parental assumida por avós na contemporaneidade evidencia desafios tanto relacionados ao próprio aspecto de exercer uma parentalidade a alguém, quanto relacionados aos desafios das diferenças geracionais e da sociedade contemporânea. As indagações possíveis de serem levantadas são: diante dessa parentalidade, como sucedem as transmissões intergeracionais? E como os conteúdos psíquicos são transmitidos, sem a geração dos pais, entre avós e netos? Como os aspectos da contemporaneidade interferem nessas transmissões?

Contudo, é possível perceber que os avós são confrontados com as próprias expectativas e com as expectativas impostas socialmente àqueles que exercem a parentalidade. Além disso, as diferenças geracionais podem ser intensificadas pelas mudanças contemporâneas da sociedade e aparecer como obstáculos na relação dos avós com os netos.

Método

O estudo aqui apresentado trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo a partir de um fragmento de caso clínico atendido por uma das pesquisadoras do presente artigo. A clínica psicanalítica nasce com intuito investigativo, sendo a escuta a essência dessa clínica. A escuta metódica inserida na clínica psicanalítica se atenta às minuciosidades da fala, incongruências, deslizes e repetições, caracterizando o método de escuta e intervenção da fala e o método de materialidade do inconsciente através de uma leitura da escrita (Dunker, 2011).

Desse modo, a pesquisa em psicanálise está inserida dentro do processo analítico, denominando-se pesquisa do inconsciente (Dunker & Zanetti, 2017). Dunker enfatiza que os relatos de casos e fragmentos clínicos são escritos de uma maneira diferente de outros relatos

clínicos, apropriando-se de recursos da literatura: “São histórias que se apropriam de recursos da literatura e seu suporte linguístico-discursivo: a relatividade, a temporalidade e a arbitrariedade da significação, o caráter trágico, cômico ou dramático de sua experiência, sua imprevisibilidade e sobre-determinação” (Dunker, 2011, p. 441)

O caso clínico caracteriza-se por um gênero que caminha entre o literário e o científico (Dunker & Zanetti, 2017) em que as estratégias envolvem: “trabalhar com fragmentos e indícios, detalhar os primeiros movimentos do caso, combinar a exposição em duas partes, uma mais narrativa e outra mais interpretativa “ (p. 24). Cabe salientar que o estudo de caso não pretende esgotar a história do sujeito ou esgotar as explicações clínicas sobre esta história e sim testemunhar uma modificação na posição do sujeito em relação ao desejo e ao gozo (Castro, 2010), caminhos que a clínica psicanalítica possibilita.

O presente estudo desenvolveu-se a partir do atendimento psicoterápico de uma avó e sua neta que foram encaminhadas pelo conselho tutelar da cidade em que moravam. O atendimento aconteceu no contexto da educação pública e a psicóloga foi acionada pelo Conselho Tutelar para realizar o acompanhamento dessa família tendo em vista um possível prejuízo ao rendimento escolar da neta. Foram realizados atendimentos presenciais com a avó e com a neta no período do primeiro semestre do ano de 2023, totalizando dez sessões com cinquenta minutos cada em que foram registradas no prontuário da paciente. A partir dos relatos dos atendimentos realizados foi possível analisar e interpretar aspectos psicodinâmicos da relação entre avó e neta na parentalidade assumida em um contexto contemporâneo. O tema da parentalidade foi desenvolvido dentro de um projeto de pesquisa sobre parentalidade que visa a formação de profissionais de saúde em Brasília e em Niterói e possibilitou discutir sobre a temática a partir da minha experiência como psicóloga em um espaço educativo.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília e pela instituição escolar em que

os atendimentos foram realizados. O caso aqui apresentado será protagonizado pela avó Ana e por sua neta Luana, ambos nomes fictícios com objetivo de promover cuidados éticos necessários à pesquisa e preservar a identidade das participantes. Logo, esse artigo seguirá conforme o que foi proposto por Dunker e Zanetti (2017), optando-se em dividir o material registrado nas sessões em dois blocos: 1) bloco narrativo - apresentação do fragmento do caso e 2) bloco interpretativo - análise interpretativa do caso.

Resultados e Discussão

Bloco Narrativo - Apresentação do Fragmento do Caso

Ana, faxineira, negra, 65 anos, e sua neta Luana, estudante, negra, 11 anos, são encaminhadas para atendimento psicológico a pedido do Conselho Tutelar da cidade em que vivem. O motivo é que a neta criou uma conta em uma rede social e tem se comunicado com homens mais velhos com conteúdo sexual, envio de fotos e solicita dinheiro em troca das fotos. Luana reside com a avó desde os seis meses de idade, quando a mãe, usuária de drogas ilícitas, negligenciava os cuidados da filha e acabou a abandonando. Ana precisou ir buscar a neta que se encontrava doente e sem os cuidados parentais necessários no momento. Desde então, ela cuida da neta, porém, sem a guarda legal, sendo necessário, por vezes, acionar o pai, que reside em uma outra cidade, para a resolução de burocracias rotineiras. O pai de Luana não mantém contato com a filha, ficando o contato quase que exclusivamente com a avó quando necessita de algo. Luana tem pouco contato com a mãe, que no momento encontra-se fugindo de dívidas com agiotas. No entanto, constantemente, Luana relata a falta da mãe para a avó e do quanto gostaria que a mãe estivesse presente.

Ana chegou ao atendimento com dificuldades em verbalizar o que havia acontecido e o motivo do encaminhamento. Refere não ser alfabetizada e tem dificuldades em entender sobre

o funcionamento das redes sociais. Mas, conta que Luana apresenta um comportamento difícil e não esperado para a idade dela. Durante os atendimentos, é possível perceber que Ana não consegue conversar com a neta sobre sexualidade, puberdade e ciclo menstrual. Um exemplo disso, é trazido durante a sessão em que a neta comprou esmaltes na farmácia na conta da avó, quando era apenas para ter comprado absorventes. No entanto, a avó não conseguiu falar sobre isso com a neta. Em outro momento, Ana relata ouvir a neta falando que não era mais virgem com amigas da mesma faixa etária, no entanto, mesmo curiosa, não conseguiu abordar a neta sobre o assunto, preferindo ficar com a dúvida. Além disso, refere que a neta é muito influenciada pelas amigas a ter comportamentos inapropriados para a idade.

Ana conta que sempre encontrou dificuldades em cuidar da mãe de Luana, que ela era uma pessoa difícil e que começou a apresentar um comportamento sexual desde muito jovem, fugindo de casa grávida aos 15 anos. Atualmente ela tem mais três filhos, além de Luana: dois filhos mais novos que residem com a mãe e uma outra filha mais velha, fruto da gestação precoce. Ana também cuidou da neta mais velha, que atualmente é casada e reside em outra cidade. Ao falar sobre o relacionamento com a mãe de Luana, Ana relata que sempre teve um relacionamento conturbado, que a filha dificilmente a ouvia e sempre fazia o contrário da vontade de Ana. Além disso, no momento em que ocorreram os atendimentos, Ana não mantém contato com a filha. Ana relata que sente perdendo o controle da neta da mesma forma que teve com a filha e diz achar que a neta tem problemas psicológicos pois apresenta comportamentos inadequados, como por exemplo, fugir de casa pela janela, pegar dinheiro da carteira dela sem autorização, pedir dinheiro na rua para pessoas desconhecidas. Além disso, referiu desejar que a neta estudasse e conseguisse um bom emprego, ao contrário do que aconteceu com a mãe e com ela mesma. Ana relatou sentir-se perdida em relação aos cuidados da neta e não saber comunicar-se com ela de forma que ela a entenda.

Apesar das dificuldades, Ana relata que cuida da neta por amor e que não se vê sem ela. A relação entre elas possui vínculo significativo. No entanto, após os desentendimentos que desencadearam nos atendimentos psicoterápicos, Ana relatou aumento das falas de Luana em relação a querer morar e estar junto à mãe.

Bloco Interpretativo - Análise Interpretativa do Caso

O acolhimento a Ana e a sua neta Luana em um setting terapêutico possibilitou que Ana expressasse e entendesse os motivos do encaminhamento realizado pela escola e pelo conselho tutelar. *“Bom, eu vim porque ela está fazendo coisas terríveis, nem sei explicar, mas está com essas fotos na internet, coisa feia, coisa feia mesmo, eu não sei o que fazer”*. Ana encontra-se diante de um desafio suscitado pela função da parentalidade e também por questões contemporâneas, como por exemplo, a manifestação de uma sexualidade precoce e a influência das tecnologias.

O contexto contemporâneo tem modificado os processos de parentalidade e traz diversos desafios para quem exerce a função parental. Um desses desafios é que os avós são confrontados com as diferenças geracionais e estas, envolvem transmissões psíquicas que são atreladas às experiências concretas, reais, sociais e culturais que nem sempre são conscientes. Essa transmissão psíquica é necessária para a constituição do sujeito e acontece desde a infância, sucedendo a partir da linguagem e dos significantes que são transmitidos pela família e cultura, estabelecendo uma ordem simbólica que acompanhará o sujeito durante a sua vida (Santos & Ghazzi, 2012). Portanto, toda essa cadeia de significantes, advindos da linguagem, família e cultura influencia na forma que os avós exercem a função parental e percebem os desafios suscitados pela contemporaneidade e pela parentalidade.

Na sociedade atual, o sujeito contemporâneo sofre um processo de dessimbolização que, de acordo com Magalhães e Carneiro (2004, p. 252) é em razão da “falta de referências

estáveis, de ausência de figuras de lei, de desvinculação, de rupturas e de descontrole.” Neste sentido, os autores sublinham que a transmissão psíquica geracional entraria em cena na subjetivação do sujeito e nos processos de metabolização do que é transmitido na trama familiar. Esse processo é transformado pelo contato com a sociedade para além dos limites familiares. Mas também, é transformado e reabsorvido pela família, evidenciando um “confronto contemporâneo entre tradição e modernização” (p.252).

A história de Ana e Luana é atravessada por uma transmissão psíquica transgeracional que atravessa as gerações e que interfere diretamente nas subjetividades e nos processos de simbolização de ambas. Ana, em determinado momento, refere uma preocupação a respeito do que Luana tem absorvido da história familiar: *“já falei para ela, aprender com os erros da mãe dela, não faça igual, nossa família é assim”*. Ana parece entender que há algo que de alguma maneira é transmitido pela família inconscientemente e que influencia na dinâmica dos membros familiares. Em outro momento, Ana verbaliza: *“parece que aprendeu a fazer isso com a mãe, ela tá saindo de casa sem falar comigo”*, ao se referir ao comportamento de sair de casa sem autorização da avó.

Ao esboçarmos sobre a transmissão psíquica, retomamos o texto de Freud Introdução ao Narcisismo (1914/2010) em que ele aborda alguns elementos narcísicos transmitidos entre as gerações, que são repassados dos pais aos filhos. Freud salienta que “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (1914/2010, p.37). Nesse sentido, os pais transferem ao bebê o próprio narcisismo infantil, projetando sonhos e o colocando em um lugar ideal. Dessa maneira, há uma transmissão, de aspectos narcísicos e inconscientes, que ocorre no cenário da parentalidade, sendo importante para a construção da própria função parental daqueles que cuidam e para a constituição do sujeito que está em desenvolvimento.

Para além das transmissões inconscientes e narcísicas dos pais e ainda sobre transmissão psíquica, Freud no texto *Moisés E O Monoteísmo: Três Ensaio* (1939/2018) refere que há traumas precoces que são ligados não apenas ao contexto em que o indivíduo está inserido e sim há um tipo de herança da espécie. Nesse sentido, Freud destaca a “herança Arcaica” para se referir ao fato de “ determinados conteúdos psíquicos, como o simbolismo, não têm outras fontes senão a transmissão hereditária...” (p. 308). Assim sendo, ele designa a interferência psíquica indireta através das gerações que transmitem memórias e heranças das experiências das gerações anteriores, “necessitando apenas ser despertados, não adquiridos a cada nova geração” (p.182). Desta forma, há transmissões que ocorrem em um contexto geracional em que os materiais e conteúdos psíquicos são transferidos para as gerações seguintes.

Rehbein e Chatelard (2013) destacam que os significantes que atravessam as gerações refletem sobre a transmissão simbólica e da linguagem, onde marcas são inseridas no sujeito do inconsciente, colocando-o um discurso a partir de uma relação com o outro. Esses significantes deixam marcas no psiquismo, traumáticas ou não, que podem ser transmitidas de uma geração para outra, repetindo-se ao longo do tempo. Nesse sentido, Pereira e Freitas (2020, p.105) sublinham que “*o que foi transmitido para cada sujeito resulta na combinação entre o ouvido, o percebido e o que foi vivenciado por outras gerações, que se caracteriza na trama fantasmática familiar*”. Essas transmissões constituída também por aspectos não simbolizados aparecem dentro da transmissão transgeracional e dispõe a repetição atravessando o espaço psíquico familiar (Rehbein e Chatelard, 2013). Por isso, dentre os conteúdos que são transmitidos, a repetição muitas vezes também está inserida. Dessa forma, a repetição aparece na transmissão psíquica transgeracional e nesse processo de transmissão, há o movimento do que se repete mas que também desperta a diferença, uma vez que o sujeito é suscetível a

transformar os conteúdos recebidos em algo singular, visto que é “sujeito-protagonista” (Pereira & Freitas, 2020, p.106)

No caso apresentado, os aspectos transgeracionais também aparecem na relação da avó e da neta, através da repetição da história familiar sendo destacada nos enredos da avó, da mãe e da neta. Ana refere: *“Parece que quer fazer a mesma coisa da mãe!”* A repetição confronta a avó pois, ao ver na neta uma replicação da história da mãe e também da própria história, teme que ela siga os mesmos caminhos. Ao considerar o aspecto da contemporaneidade nessa relação, a repetição continua acontecendo, porém, utiliza-se de dispositivos e contextos atuais da sociedade. A sexualidade da neta, evidenciada pela avó como uma sexualidade precoce, serve-se do dispositivo da rede social para ser manifestada. Diferentemente da sexualidade da mãe, em que as redes sociais não estavam disponíveis, porém dispunha de outros contextos. Em outro atendimento, Ana verbaliza: “Ela é igual a mãe, teimosa que só!”, sinalizando um desconforto com que a neta se pareça com a filha.

Na função da parentalidade, Ana se depara com Luana repetindo os comportamentos e ideias da mãe quando era adolescente, contrastando o desejo da avó de que a neta estude, não namore tão jovem, tenha um emprego melhor, ou seja, de interromper a repetição. Interromper a repetição constitui um desafio para a parentalidade exercida pela avó, pois mesmo que ela não queira, parece que Luana segue um caminho que foi recebido transgeracionalmente e intergeracionalmente pela família através de uma transmissão familiar. Assim, como nas palavras de Pereira e Freitas (2020, p.105): “somos receptores dos significantes que circulam no discurso familiar”, a neta recebeu como herança psíquica um material psíquico inconsciente que reflete-se nos sintomas e comportamento dela.

Ao pensar nas narrativas comprometidas pela repetição e pelo recalçamento, é importante refletir até que ponto os avós repetem as dificuldades que tiveram na maternidade/paternidade ou tentam romper com essa repetição. Neste sentido, Robert (2009)

também apresenta o trauma, representado como um luto, que uma vez não elaborado faz com que seja transmitido à geração seguinte sendo reproduzido de forma idêntica, como um tipo de clonagem. Assim, o que se repete, não foi simbolizado, conforme destaca Pereira e Freitas (2020, p. 106): “Entende-se que o que se transmite é o que se repete, e, ainda, o ato de repetir representa o que não foi simbolizado.”

A função parental exercida pela avó é marcada por dimensões psíquicas atreladas às transmissões psíquicas intergeracionais que ocorrem no contato direto com a neta e promove um elo geracional. No entanto, Ana se vê diante de uma possibilidade de não saber o que fazer e não conseguir lidar com questões da parentalidade que transborda por si mesma e necessitam encontrar simbolização. Há um sentimento de culpa por não ter conseguido conter a filha e agora, nessa nova oportunidade, ela se sente perdendo o controle e não conseguindo conter a neta. Em um dos atendimentos Ana diz: “*não sei mais o que fazer, já perdi todo o controle, achei que estava fazendo direito*”. Assim, no relacionamento com a neta, a avó tenta produzir novos significantes que possibilitem lidar com o sentimento de fracasso em relação à filha. Jorge & Lind (2015) sublinham o sentimento de culpa e o ressentimento vivenciado por avós ao se sentirem incompetentes como pais, principalmente quando os filhos são considerados incapazes de exercerem os cuidados parentais, colocando em xeque as próprias habilidades parentais dos avós. Desse modo, assumir a parentalidade aos netos pode ser uma possibilidade de exercerem a parentalidade novamente. Os autores ainda destacam que essa oportunidade possibilita criar um novo papel, com novos significados, funções e novas identidades.

Lima (2017) destaca a dimensão intersubjetiva presente na reparação, pois acontece por meio ou com o outro e nesse processo compreende uma essência transformacional do psiquismo. Assim, na reparação, há uma transformação do psiquismo diante de uma situação negativa e frente a essa situação, Lima (2017, p. 128) enfatiza que “a catástrofe carrega em si a ameaça de sua repetição”. Por isso, na tentativa de reparar algo que originalmente foi ruim,

há uma possibilidade de criar um novo papel através de ressignificações, mas também, há a possibilidade da repetição.

No caso apresentado, a avó projeta expectativas e desejos narcísicos na neta, expectativas sobre o desejo de que a neta estude, uma vez que a avó não teve acesso à escola. Além disso, há a vontade expressa na fantasia de que a neta se diferencia da mãe, motivado pelo desejo também de confirmar a própria capacidade para exercer a parentalidade novamente e reparar, através de um processo de transformação, a parentalidade exercida anteriormente. Esses desejos em torno da neta, constituem também desejos marcados pela imposição da contemporaneidade. Birman (2016), no livro *Mal Estar na Atualidade*, destaca que os desejos contemporâneos assumem um caráter em torno de um exibicionismo centrado no próprio sujeito, evidenciando uma cultura do espetáculo e da performance. Contribuindo com essa discussão, Castro e Massa (2019) destacam que há um imperativo capitalista de gozo e desejo que pode impulsionar certos tipos de sofrimentos contemporâneos, uma vez que o indivíduo tenta alcançar ideias que são impostas socialmente.

Na história de Ana e Luana, há uma dificuldade de comunicação e também de compreensão marcada por um iletramento tecnológico que permeia o vínculo e o diálogo entre avó e neta. No atendimento inicial, ao falar sobre os motivos do encaminhamento, Ana diz: *“Essa tal de internet, nem sei explicar, mas tem umas fotos dela que outras pessoas podem ver”*. Ana parece não entender as dimensões que envolvem a internet e as possibilidades de uso, evidenciando uma exclusão digital. Tavares e Vieira (2020) sublinham que a exclusão digital não se refere apenas a uma falta de compreensão e de acesso imediato às tecnologias digitais, mas sim a uma forma de exclusão social que interfere diretamente na participação e interação em um contexto de cidadania.

Ao falar sobre as dificuldades em compreender as redes sociais, Ana coloca como uma barreira na comunicação com a neta. Sendo assim, a tecnologia exemplificada no presente caso

pela rede social entra como uma terceira peça, conforme ilustra Daró (2018), no triângulo relacional entre a avó e a neta, interferindo diretamente nessa relação. O autor refere que as tecnologias transformam o modo em que ocorrem as identificações, diluindo as hierarquias existentes entre as gerações e levando a modificações importantes no vínculo entre avós e netos atuais. Ele coloca que esse vínculo está inserido em dois paradigmas distintos: o edípico, em que os avós se aproximam e o narcísico imposto pelas necessidades contemporâneas em que os netos se aproximam, enfatizando uma possibilidade de conflito geracional, mas também de um encontro enriquecedor para ambos. Então, mesmo que a tecnologia possa se configurar como uma barreira no relacionamento entre avó e neta, há uma aproximação também motivada pela tecnologia, conforme Ana relata: *“Ela já tentou me ensinar, mas é difícil, não sei ler.”* Nota-se então, que a contemporaneidade traz uma mudança da direção em que os conhecimentos intergeracionais correm. Se em um tempo passado, os avós eram o que ensinavam e transmitiam saberes, hoje, os netos também transmitem ensinamentos aos avós, como por exemplo, os ensinamentos tecnológicos (Azambuja, Rabinovich, & Coutrim, 2023). Essa possibilidade de aprendizado se dá na reciprocidade dos conhecimentos obtidos pelas gerações mais novas e dos conhecimentos e saberes geracionais transmitidos pelos avós.

Na contemporaneidade, os *gadgets* e os dispositivos tecnológicos assumiram uma característica de representar o real, visto que o aprimoramento da tecnologia ganha contornos de animar a vida do sujeito (Santos, 2019). Esses *gadgets* representam um corpo falante, também marcado por um corpo simbólico que, de acordo com a autora, possui elementos significantes que acontecem na rede (*internet*). Esses elementos significantes refletem sobre o próprio corpo, associando com o real que alcança também o corpo do outro em um gozo de consumir e ser consumido pelo outro. A neta confronta a avó ao encontrar na rede social uma extensão do próprio corpo e que procura um gozo no corpo do outro, o que ultrapassa uma

possibilidade de compreensão da avó, tanto em relação ao funcionamento da internet quanto em relação a uma exposição do corpo, a qual abordaremos adiante neste trabalho.

A incompreensão da internet é marcada pela exclusão digital e pelo analfabetismo da avó, ou seja, o pouco acesso da avó aos conhecimentos de tecnologia também diz respeito a uma exclusão social. O acesso à tecnologia exige escolarização e diz de algo oferecido a determinada classe social e raça. Historicamente, a população negra teve menos acesso ao ensino formal quando comparado com a população branca. No entanto, atualmente, há uma nova geração de negros que se apropria e interage com as tecnologias e com as redes sociais, utilizando as mais variadas plataformas virtuais como instrumento de luta acadêmica e política, incluindo, inclusive, o âmbito da Educação Básica (Gomes, 2021). Nesse sentido, é revelado um processo de transformação na sociedade brasileira, uma vez que a neta negra tem mais acesso à educação do que a geração da avó, expandindo as possibilidades de lutas políticas e sociais ainda necessárias quando falamos em questões raciais.

É importante destacar que, concomitante com as questões raciais e de classe social, há um aspecto de gênero que impactou diretamente o acesso à educação no Brasil no século XX. A dificuldade de mulheres negras ao acesso à escola perpassa questões impostas por relações de trabalho que continham características escravistas. Essas relações de trabalho podem ser consideradas fruto do período colonial em que para a mulher negra era reservado o lugar de doméstica, motivando que essas mulheres fossem excluídas das instituições formais (Almeida & Alves, 2011; Silva Henriques, 2017). Silva Henrique (2017, p. 154) sublinha que “nascer mulher, negra, pertencente à classe trabalhadora, se constituía em sinônimo de infortúnio, pois as chances de conseguir ter acesso à educação, ao trabalho bem remunerado, a um casamento, eram ínfimas às mulheres negras”. Dessa maneira, o autor destaca desafios inerentes a nascer mulher e nascer negra evidenciando que dentre esses desafios, há a dificuldade do acesso à educação. No entanto, o autor refere que aos poucos o cenário vem mudando, através de lutas

populares por igualdade racial e de gênero que possibilita a inserção da mulher negra nos mais diversos espaços de educação formal. Desse modo, é possível dizer que, o acesso à educação atual que as mulheres negras têm na sociedade revelam mudanças em relação ao acesso à educação de mulheres negras de outras gerações. E, evidencia possibilidades de ocupação de espaços que hoje, podem ser ocupados pelas netas, espaços que as avós não puderam ocupar.

Durante os atendimentos, é possível perceber que há um conflito que perpassa a avó, tanto por uma exclusão digital em relação às redes sociais, quanto por não saber ler e escrever que a coloca em uma posição distante da neta: “*seria mais fácil se eu soubesse ler e escrever, só escrevo meu nome*”. O Analfabetismo se caracteriza como uma forte maneira de exclusão educacional e social que muitas vezes atinge avós provenientes de camadas sociais da população mais pobre, atravessados por aspectos raciais e de gênero (Peres, 2011). O analfabetismo da avó é reflexo de uma população que é fortemente atingida por uma exclusão social e embora a infância e a juventude sejam destinadas tradicionalmente para a educação e alfabetização, a escolarização não chegou a essas pessoas, principalmente às mulheres, fazendo com que a democratização da educação e acesso à escola não atingisse determinado grupo populacional.

Esse analfabetismo é reflexo da exclusão social e não possibilita uma transformação a um nível cultural e político na sociedade (Castro, 2019). Neste sentido, Rosa (2022) destaca que a exclusão social marca um sofrimento sociopolítico em que o sujeito perde seu lugar de fala na sociedade. Esse sofrimento ganha contornos maiores a partir da angústia, culpa e vergonha de não pertencimento a um grupo, incentivado por uma política marcada por um controle e exploração. A avó traz em seu relato uma vergonha ao dizer que só sabe escrever o próprio nome. Neste sentido, Rosa (2022) ainda enfatiza sobre o desamparo discursivo vivenciado por essas pessoas em que é retirado um lugar de fala e não ter esse lugar traz um abalo narcísico e traumático. Essa falta de acesso à educação, evidenciado pelo analfabetismo

e a exclusão digital, confronta a avó na tentativa da função de cuidar e de se ocupar de uma pessoa de outra geração. Além disso, gera sentimentos de angústia e vergonha que abalam narcisicamente a avó e a fazem questionar o exercício da parentalidade e acesso a neta.

A percepção da sexualidade e do próprio corpo compõem outra diferença significativa entre a geração da avó e da neta que atravessa o caso. A neta e a avó têm compreensões diferentes sobre sexualidade e exposição do corpo. E essa diferença é marcada devido a sexualidade ainda ser considerado um tema tabu na sociedade contemporânea, mesmo com as diversas transformações sociais que ocorreram (Magrin et al., 2022). Em um atendimento, Ana relatou: *“Ouvi ela falando com as coleguinhas que não era, você sabe, mais virgem, fiquei pensando: será? Ela é muito nova pra isso!”*. Após esse relato, perguntei se Ana havia indagado Luana sobre não ser mais virgem, Ana respondeu: *“Não consegui perguntar isso para ela, eu fiquei com vergonha, não é possível, muito nova!”*. Assim, é perceptível que Ana não consegue falar sobre aspectos de sexualidade com a neta. Um outro exemplo disso, é trazido por Ana em uma dificuldade de dialogar sobre absorvente e menstruação, elementos que também envolve um amadurecimento sexual da mulher: *“Ela comprou um monte de esmaltes para unhas na farmácia, mas era para ter comprado só absorventes, a gente não tem dinheiro para comprar essas coisas, ela sabe. Conversa isso com ela?”*. Abordar sobre aspectos da sexualidade confronta a avó que em um primeiro momento deveria assumir apenas funções relacionadas à avosidade. Sendo assim, a função da parentalidade esbarra a função da avosidade, uma vez que os avós podem querer exercer o papel atribuídos a eles culturalmente e não as responsabilidades parentais, o que faz com que assumir uma parentalidade tenha também um aspecto conflituoso e ambivalente (Scremin & Bottoli, 2016). Quando se fala de avós, o conhecimento intergeracional aparece como um caminho para se compreender padrões sexuais e possíveis interpretações do passado que aparecem no presente na relação com os netos. Neste sentido, a contemporaneidade traz o diálogo da sexualidade muito mais aberto e

explícito quanto comparados a época dos avós (Lima et al. 2022), o que dificulta que os avós compreendam e conversem sobre sexualidade com os netos, uma das responsabilidades que também envolve a função parental.

No caso apresentado, a neta utiliza as redes sociais para o compartilhamento de fotos e conversas íntimas, o que é inadmissível e incompreendido pela avó. Em um dos atendimentos Ana relata: *“ela fica mostrando foto pelada nessa internet”*. As concepções sobre o que é aceitável ou não de compartilhar permeado pelo entendimento do que é a privacidade se diferencia entre as gerações mais jovens e mais velhas (Daró, 2018). A própria contemporaneidade abre espaço para a exposição e compromete a privacidade do ambiente familiar, confrontando a geração mais velha (Silva, Rabinovich & Amorim, 2019).

O fato de mostrar o corpo coloca a internet e as redes sociais como um lugar de validação de si mesmo, ou seja, uma espécie de espelho narcísico que precisa da legitimação do outro. Neste sentido, as redes sociais ganham a função de exibição. Lejdermana, e Dal Zota (2020) destacam que as redes sociais evidenciam um aumento de indivíduos e comportamentos narcisistas, influenciando a aceitação desses comportamentos que já estão absorvidos na sociedade contemporânea. Além disso, as autoras posicionam a rede social como uma forma de expressar o narcisismo que decorre tanto de traços individuais quanto relacionados ao meio da cultura. Lira, Ganen, Lodi, & Alvarenga (2017) sublinham que as redes sociais e as mídias ganharam contornos que se relacionam com a insatisfação da imagem corporal, principalmente de adolescentes do sexo feminino. Deste modo, as visualizações e curtidas ganham um lugar de validação e compensação da baixa autoestima e das insatisfações com o corpo (Lejdermana & Dal Zota, 2020). Dessa maneira, mostrar o corpo na rede social, coloca a neta em posição de exibição narcísica que precisa ser validada por um outro.

Na história de Ana e Luana, há uma transmissão psíquica atravessada por uma história ligada à sexualidade. A relação com o corpo que a avó tem remete a uma experiência de muito

mais pudor e de controle da sexualidade do que as gerações do século XXI. Muito embora, a avó já tenha vivenciado a sexualidade precoce da filha na trama geracional, há uma angústia ao vivenciar novamente com a neta. Além disso, o fato da avó não conseguir abordar diretamente assuntos relacionados ao corpo e a sexualidade evoca uma repreensão que a própria avó tem sobre o assunto.

Essa repreensão se dá pela forma como se constituiu a maternidade no Brasil apresentando o lugar materno como um lugar dessexualizado, ou seja, para ser mãe, era/é preciso anular a sexualidade. Esse pensamento vem das tradições da família burguesa em que a maternidade seria o único destino do desejo feminino, fruto também de uma violência e tentativa de dominação colonialista (Rosa, 2020). Esse lugar recai fortemente sobre determinadas mulheres de grupos sociais definidos, atravessando questões de gênero e raciais. Historicamente, a mulher negra ocupou um lugar hiperssexualizado na sociedade denunciando uma relação entre raça, sexualidade e trabalho compulsório (Carmo & Silva Rodrigues, 2021). Neste sentido, no caso apresentado, a avó anulou e reprimiu toda a sexualidade para ser mulher-mãe, pois, caso não tivesse abdicado dessa sexualidade, não poderia exercer a parentalidade junto a filha e posteriormente junto a neta. Ao contrário da filha, que no momento que teve a criança, pelo uso da substância e pelo exercício da sexualidade, não poderia ser mãe, ou seja, não poderia exercer a parentalidade.

A sexualidade evidenciada no caso, traz a reflexão que o corpo da neta suscita na avó o próprio corpo dela, contrastando um corpo jovem e um corpo velho. Lima et al. (2022) referem que o corpo do idoso é marcado socialmente como um corpo que não está em um lugar de objeto de desejo, é um corpo invisível, mesmo que o desejo ainda esteja presente na velhice. Neste sentido, a história de sexualidade da neta parece intimamente ligada à história de sexualidade da mãe e da avó, embora atravessada pela tecnologia, que já citada anteriormente, entra como um terceiro nessa relação avó e neta.

A percepção sobre corpo e sexualidade que algum grupo ainda mantém, especialmente os mais velhos, é influenciado pelo lugar que o corpo feminino foi colocado, a saber, um lugar perpassado pelo desejo do outro e um lugar social do lar e da maternidade (Moreira, Vieira & Ceccarelli, 2018). Mesmo assim, a percepção sobre o corpo do outro e sobre o próprio corpo transforma-se ao longo da história, modificando também por um atravessamento das próprias experiências (Lima et al., 2022). No entanto, mesmo com as transformações históricas, os autores evocam as dimensões atemporais que permeiam o desejo e a sexualidade, inclusive na velhice. Portanto, na parentalidade exercida por essa avó, as questões de corpo e sexualidade aparecem como um desafio e teste para essa função parental. A avó é confrontada no próprio desejo e sexualidade ao ver a neta diante de um contexto que envolve sexualidade e corpo. Para a avó, esses desejos não poderiam ser concomitantes com a parentalidade.

Considerações Finais

A escuta da dinâmica relacional entre uma avó e sua neta evidenciou que a convivência entre as gerações pode ser conflituosa, pois pode ser atravessada por questões como diferenças geracionais, comparações entre a neta e a filha, medo de fracassar com a neta diante de um sentimento de fracasso com a filha, dentre outras questões. Quando se trata de avós exercendo a parentalidade, os conflitos geracionais também entram em jogo nessa trama relacional. Além disso, há os aspectos contemporâneos que atravessam as relações familiares nas novas formas de subjetividades e nas fragilidades dos processos de simbolização (Birman, 2007). Essa realidade está em desencontro da maneira como as gerações mais velhas relacionam-se com o mundo. Se a contemporaneidade traz desafios à parentalidade em geral, quando se trata da função parental dos avós, esses desafios remetem às diferenças geracionais maiores que a diferença de geração em relação aos pais.

Embora idealizada a figura dos avós, a avosidade nem sempre é tão natural ou simples, envolve angústias e conflitos que se relacionam com o fato de assumir essa posição. Somados a isso, há o próprio processo de envelhecimento que também é vivenciado por uma série de adaptações impostas involuntariamente que também podem emergir sentimentos negativos e de perda (Pedrosa & Lopes, 2008). Nesse cenário, assumir a parentalidade a alguém de outra geração pode revelar-se um desafio psíquico e social.

Na parentalidade exercida pela avó deste estudo, os aspectos das transmissões geracionais e as repetições familiares aparecem como protagonistas na trama familiar, evocando na avó um desejo de reparação da parentalidade assumida anteriormente com a filha. Ana tem o sentimento de ter falhado com a sua filha e move-se na tentativa de restaurar a própria função parental através da relação com a neta. Esse desejo também é permeado por uma tentativa narcísica de provar a própria competência na função parental. No entanto, o movimento da avó de restauração da função parental tem acarretado situações conflitantes entre a avó e a neta.

As questões relacionadas com as redes sociais e tecnologias aparecem como obstáculos na comunicação com a neta, colocando a avó distante de uma compreensão sobre os comportamentos e desejos da neta. O analfabetismo da avó, diante da impossibilidade de oportunidades de estudo, caracteriza um sofrimento sociopolítico e evidencia uma exclusão social, compondo mais uma barreira no relacionamento com a neta. O desafio se dá justamente porque esses avós que ficaram na exclusão social, educativa, cibernética é de uma geração que tinha outros tipos de relações sociais.

A compreensão do corpo e da sexualidade também marcou como um dos desafios da parentalidade exercida por essa avó. As diferentes concepções sobre corpo, sexualidade e exposição colocam em cena as mudanças geracionais e contemporâneas. A geração dos avós denuncia que havia uma outra relação com o corpo, com a sexualidade e agora, esses avós são

confrontados com uma geração que tem outra forma de lidar com o corpo, o gênero, a sexualidade, com a informação e com as tecnologias.

As diferenças geracionais são evidenciadas no acesso à educação e aos conteúdos da cultura que evidenciam transformações na sociedade brasileira. Diferentemente da avó e da mãe, a geração da neta teve mais acesso à educação formal e mais possibilidades de acesso a dispositivos tecnológicos que a insere em um contexto cultural e social contemporâneo. Essa situação traz um conflito entre avó e neta, pois a avó faz parte de uma geração em que o modo de relacionar-se com o corpo e com a sexualidade era bastante diferente da geração da sua filha e da geração de sua neta. As transmissões psíquicas que permeiam essas duas gerações são atravessadas por experiências concretas, reais, sociais culturais, conscientes mas também, inconscientes. Vale destacar que existe um marco na relação avó e neta pela via das transmissões psíquicas e pelas repetições que atravessam a história familiar em que a neta está inserida.

Referências

- Almeida, G. E. S., & Alves, C. M. C. (2011). Educação escolar de mulheres negras: interdições históricas. *Revista Educação em Questão*, 41(27), 81-106.
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4003>
- Alvares, L. B., & Dionísio, G. H. (2022). O amor e suas relações com a parentalidade na atualidade. In R. Cardoso & J. B. Quintela (Eds.), *Open Science Research V* (p. 712-729). Editora Científica Digital, São Paulo.
<https://www.editoracientifica.com.br/livros/livro-open-science-research-v>
- Aubert-Godard, A. (2009). Parent, Aujourd'hui La Fonction Parentale Au Xxie Siècle En France, Fonction Maternelle, Fonction Paternelle. In Marty, F (Dir.) *Les Grandes Problématiques De La Psychologie Clinique* (p. 91-111). Dunod, Paris.
- Azambuja, R. M., Rabinovich, E. P. R., & Coutrim, R. M. E. (2023). Novos tempos, novas formas de relacionamentos familiares: Educação intergeracional mediada pelas tecnologias. *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, 2(20), 1-9, e27721.<https://doi.org/10.29352/mill0220.27721>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de psicanálise*, 40(72), 47-62.http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352007000100004&script=sci_arttext
- Birman, J. (2016). *Mal-estar na atualidade*. Editora José Olympio.
- Cappelli, T. F. & Oliveira, L. R. F. (2015). Psicoterapia psicanalítica de uma criança que está sob a guarda da avó: estudo de caso. *Aletheia*, 47-48, p. 91-105.
<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3144>

- Carmo, N. A. & Silva Rodrigues, O. (2021). Minha carne não me define:: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. *O Público e o Privado*, 19 (40), 73-100.
<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/5274>
- Castro, J. E. (2010). *O método psicanalítico e o estudo de caso*. In F. K. Neto & J. O. Moreira (Orgs.), *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*, (pp. 25-35). EdUEMG.
- Castro, M. F. M. & Massa, E. D. S. C. (2019). A sociedade contemporânea, os imperativos do ideal do eu e os diagnósticos de depressão. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 4(8), 111-127.
<https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18722>
- Castro, L. (2019). Por uma psicanálise da alteridade em um Brasil de intolerâncias. *Revista Reverie*, 12(1), p. 81-95.
- Daró, B. R. (2018). *A influência da tecnologia da informação e da comunicação sobre o vínculo avós e netos, na contemporaneidade: uma contribuição da psicanálise vincular* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-24092018-095935/pt-br.php>
- Dunker, C. I. L. (2011). O nascimento da clínica. In C. I. L. Dunker. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento* (pp. 389-481). São Paulo: Annablume.
- Dunker, C. I. L., & Zanetti, C. E. (2017). Construção e formalização de casos clínicos. In C. Dunker, H.H.A Ramirez & T. C. Assadi (Orgs.). *A construção de casos clínicos em psicanálise: método clínico e formalização discursiva* (pp. 23-45). São Paulo: Annablume.

- Felippi, G., & Itaqui, L. G. (2015). Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica. *Pensando famílias*, 19(1), 105-113.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2015000100009&script=sci_arttext
- Figueiredo, R., Araújo, L., & Amante, M. J. (2022). Quando os avós são, e têm de ser pais dos netos-revisão da literatura. In C. Magalhães, M. J. Amante, P. Xavier & S. Fonseca (Orgs.), *Políticas e Respostas para Crianças e Jovens em risco III - Da Prevenção à promoção da Autonomia* (pp. 50-84). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.
- Freud, S. (1914/2010). Introdução ao Narcisismo. In Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 12. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1939/2018). Moisés e o Monoteísmo. In Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 19. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Golse, B. (2019). O que o bebê transmite aos adultos. *Cadernos de Psicanálise*, 41(41), 11-20.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000200001
- Gomes, I. C. & Zanetti, S.A. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular, *Psicologia USP*, 20(1), 93-108.
<https://www.scielo.br/j/psp/a/VWZq6pggwbWNZ3MGLdx69KP/?lang=pt>
- Gomes, N. L. (2021). O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. *Revista de Filosofia Aurora*, 33(59), 435-454.
<https://www.redalyc.org/journal/6733/673373992012/673373992012.pdf>

- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Carneiro, T. F. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5429445>
- Houaiss, A., Villar, M. S. & Franco, F. M. M. (2009). *Houaiss* Dicionário da Língua Portuguesa. (3rd ed., pp.186). Editora Moderna.
- Iaconelli, V. (2019). *Criar filhos no século XXI*. Editora Contexto.
- Jorge, H., & Lind, W. (2015). Segurar a família pelas pontas: Os dilemas dos avós cuidadores a tempo inteiro. *Psychologica*, 58(1), 7-22. https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_58-1_1
- Lacerda, C. B. S. (2020). *O papel das avós no sistema de relações familiares: estudo qualitativo transcultural Portugal – Brasil* [Dissertação de Mestrado, Universidade Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade Beira Interior.
<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11055>
- Lejdermana, B., & Dal Zota, J. (2020). Narcisismo e Redes Sociais. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 22(2), 55-67.
<https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v22n2a05.pdf>
- Lima, F. P. S., Dutra, L. N. L., Novaes, L. F., Fernandes, I. S., Brech, G. C., & Salles, R. J. (2022). Corpo temporal e sexualidade atemporal: um conflito na velhice. *Research, Society and Development*, 11(9), e10811931519-e10811931519.
- Lima, R. A. (2017). Análise reparável e irreparável: o conceito psicanalítico de reparação na agenda da transição brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37, 116-132.
- Lima, R. F., & Cunha, L. D. C. A. (2021). A função social dos avós na contemporaneidade sob o olhar do serviço social: uma revisão de literatura. In VIII Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, ISSN: 2318-0854.

- Lira, A. G., Ganen, A. D. P., Lodi, A. S., & Alvarenga, M. D. S. (2017). Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 66(3), 164-171.
- Magalhães, A. S., & Carneiro, T. F. (2004). Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, 10(16), 243-255.
- Magrin, N. P., Moraes, A. S. D., Paniago, C. D. M., Santos, I. F. D., Lacerda, R. M. & Cunha, R. N. D. (2022). O impacto de oficinas sobre sexualidade: um relato de experiência com estudantes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26.
<https://www.scielo.br/j/pee/a/3Yr4KcgCL6hSCcN3St73Sks/#>
- Mainetti, A. C. & Wanderbroocke, A. C. N. D. S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, 17(1), 87-98.
- Moreira, A. C. G., Vieira, M. M. D. C. D. & Ceccarelli, P. R. (2018). Sexualidade e ideal de feminilidade: contribuições para o debate. *Estudos de Psicanálise*, (49), 45-54.
- Oliveira, H. M. D., & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20, 295-310.
- Pedrosa, A. D. S., & Lopes, R. G. D. C. (2008). Avôs na contemporaneidade: significado dos netos para o cotidiano. *Imaginário*, 13(16): 257-269.
- Peres, M. A. D. C. (2011). Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. *Sociedade e estado*, 26(3), 631-662.
- Pereira, C. V. G., & Freitas, M. C. A. D. (2020). Transmissão psíquica geracional vinculada com as dimensões de repetição e transformação. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 23, 103-110. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001012>
- Pinto, K. L. B., Arrais, A. D. R., & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, 19, 37-47.

- Pombo, M. F. (2019). Família, filiação, parentalidade: novos arranjos, novas questões. *Psicologia USP*, 30, e180204.
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/dntXddns5LLhLPcBBkfM7ds/>
- Portela, M. A. (2008). A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25, 131-140.
- Ramos, N. (2017). Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: Avós e netos na contemporaneidade. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (227-247). Editora CRV.
- Rehbein, M. P., & Chatelard, D. S. (2013). Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25, 563-583.
<https://www.scielo.br/j/fractal/a/QVfddnNpQK8bWbCWbBy8ZtC/?lang=pt>
- Robert, P. (2009). La Famille Et Les Générations. In Marty, F (Dir.) *Les Grandes Problématiques De La Psychologie Clinique* (pp. 63-89). Dunod, Paris.
- Rodrigues, J. P. V. (2013). *Os avós na família e sociedade contemporânea: uma abordagem intergeracional e intercultural* [Tese de Doutorado, Universidade Aberta de Portugal]. Repositório da Universidade Aberta de Portugal.
https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3426/1/TD_Jo%C3%A3oPauloRodrigues.pdf
- Rosa, M. D. (2020). Passa anel: famílias, transmissão e tradição. In D. Taperman, T. Garrafa & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade (Coleção Parentalidade & Psicanálise)* (pp. 23-37). Autêntica.
- Rosa, M. D. (2022). Sofrimento Sociopolítico, Silenciamento e a Clínica Psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, e242179.

- Sampaio, M. A. P., Pereira, S. D. R. B., Osório, N. B., & Neto, L. S. S. (2021). A construção da avosidade na literatura científica Brasileira: uma revisão integrativa de literatura. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 24565-24576.
- Santos, L. (2019). A psicanálise no mundo contemporâneo. *Reverso*, 41(77), 65-73.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7076355>
- Santos, V. O. D., & Ghazzi, M. S. A. (2012). A transmissão psíquica geracional. *Psicologia: ciência e profissão*, 32, 632-647.
- Scorsolini-Comin, F & Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1), 141-159.
- Scremin, A. L. X. & Bottoli, C. (2016). Avós e netos: o exercício de uma parentalidade. *Barbarói*, 48(1), 234-252.
- Silva Henriques, C. (2017). Do trabalho doméstico à educação superior: a luta das mulheres trabalhadoras negras pelo direito à educação superior. *O Social em questão*, 20(37), 153-171.
- Silva, J. M. & Moreira, J. O. (2016). Particularities of the Psychoanalytical Clinic of Aging: Construction of Clinical Cases. *Psychology*, 7(06), 914.
- Silva, L. R., Rabinovich, E. P. & Amorim, I. B. (2019). Relações Familiares Na Contemporaneidade E Construção Da Subjetividade. In K. C. A Portela & A. J. Schumacher (Orgs.), *Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5* (pp. 245 -253). Atena Editora.
- Tavares, A. A., & Vieira, R. S. (2020). A exclusão digital e a cidadania participativa na sociedade em rede. *Meritum, Revista de Direito da Universidade FUMEC*, 15(4), 283-299.

- Trachtenberg, A. R. C (2023). Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. In A. R. C. Trachtenberg, *Transgeracionalidade/Intergeracionalidade - Holocausto e dores sociais* (pp. 25-42). Blucher,
- Tybusch, F. B. A., & Lemos, L. M. (2019). A entidade familiar contemporânea e o afeto como gerador de vínculo de parentalidade: a solidificação da multiparentalidade por meio do registro civil. *Revista Jurídica Cesumar-Mestrado*, 19(1), 301-329.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi construído a partir da participação como bolsista de pesquisa em um projeto de capacitação de profissionais de saúde da atenção básica que lidam e atendem demandas relacionadas a parentalidade vulnerável. Esse projeto insere-se em uma política pública de saúde que visa, através de metodologias ativas, fomentar a discussão sobre a parentalidade e instrumentalizar os profissionais de saúde que lidam diretamente com essa demanda. O projeto possibilitou pensar nas múltiplas formas de parentalidade e em conjunto com a minha prática profissional, foi possível refletir sobre o lugar dos avós na vida familiar dos pacientes acompanhados em meu trabalho. Além disso, a reflexão sobre a temática não perdeu de vista o modo como meus próprios avós introduziram na minha vida um meio de relação afetiva, de transmissão, de pertencimento e de inscrição em uma genealogia familiar.

O acompanhamento psicológico de famílias no âmbito da educação municipal, proporcionou entender o papel na centralidade de cuidado que os avós ocupam nos núcleos familiares, principalmente, diante de situações vulneráveis. Portanto, notou-se uma expressiva presença de avós nos atendimentos que eram solicitados pela direção escolar aos estudantes e familiares. Nesses atendimentos era possível perceber que, ao mesmo tempo que os avós sentiam-se aptos para sustentarem o cuidado aos netos, essa função os inscrevia em uma posição parental para além dos papéis atribuídos na função da avosidade.

A parentalidade na avosidade é atravessada por uma transmissão psíquica intergeracional que acontece no contato entre a geração de avós e netos, inscrevendo os netos em uma história familiar, mesmo diante da ausência dos pais. Trachtenberg (2023) sublinha sobre a transmissão psíquica intergeracional e destaca que essa transmissão “permite a cada geração situar-se em relação às outras, perceber e respeitar as diferenças entre elas, tornar-se um elo e inscreve cada sujeito em uma cadeia e em um grupo” (p.33). Esse seria um contato

saudável entre as gerações que inscreve o sujeito em um processo de história pessoal. Um exemplo, é apresentado e ilustrado no quadro de Leonardo da Vinci *A Virgem e o Menino com Santa Ana* em que há o encontro de três gerações, retratadas a partir de uma troca de olhares entre a avó, a mãe e o neto.



Figura 1. *A Virgem e o Menino com Santa Ana* (Leonardo da Vinci, c. 1510)
fonte: Wikimedia Commons (Arquivo livre)

Neste quadro, Leonardo da Vinci colocou possivelmente em forma de pintura a própria infância. Freud (1910/2016) destaca que a infância de Leonardo foi protegida pela mãe e pela avó paterna chamada Monna Lucia. Além disso, a pintura de Leonardo adquire um sentido ainda maior: a avó Sant'Ana, é a mãe de Maria e avó do Menino, evidenciando um aspecto mais sério e maduro, matronal e respeitada pelo conhecimento e posição na família. O menino é cuidado por mãe e avó em que ambas se colocam à disposição dirigindo os braços e os olhares à ele. Aqui, pode-se ver o encontro entre as gerações que promove cuidado e gera pertencimento.

No entanto, ao estudar avosidade e função parental exercida por avós, me deparei com os desafios que ambas as funções colocam sobre os avós. Na avosidade, há o desafio para remanejar-se a essa posição e integrar as posições desempenhadas anteriormente na família (Pinto, Arrais & Brasil, 2014). E na parentalidade, há o movimento psíquico em prol de ocupar

esse lugar de cuidado em relação ao outro (Zornig, 2010), permeado ainda por desafios relacionados a aspectos geracionais. Esses desafios denunciam que o contato com os netos, nem sempre é harmonioso, livre de conflitos e de ambivalências.

A convivência entre avós e netos possibilita que os avós também assumam funções relacionadas à parentalidade, principalmente diante de situações em que os pais não estão disponíveis para o cuidado. Essa indisponibilidade dos pais em assumir a função parental noticia uma falha parental dos genitores, caracterizando um cenário para que os avós assumam a parentalidade aos netos diante de uma falha ou uma impossibilidade. Eles buscam preencher a falta dos genitores. Assim, uma função parental na avosidade convoca os avós a uma reorganização e trabalho psíquico em que essa parentalidade é ressignificada com um novo papel, significado e identidade, inseridos em novos contextos (Jorge & Lind, 2015). Neste sentido, há inúmeros desafios que comparecem na cena da parentalidade quando os avós estão na função parental.

Neste trabalho foi possível identificar que a função parental na avosidade coloca os avós diante de um grande impasse, a saber, dar conta de uma função parental assumida pela segunda vez e dar conta das elaborações e simbolizações dos contextos que circunscrevem esses avós nessa função. Esses contextos, muitas vezes adversos, exigem que os avós conciliem o cenário desfavorável com a função de cuidar. A função parental na avosidade não é independente da função parental assumida anteriormente. Pelo contrário, essa função é transformada e remodelada em algo que não necessariamente é novo, mas traz algo novo e que exige um trabalho psíquico em prol de ocupar esse lugar. Ao assumir a função da parentalidade no cuidado com os netos, os avós têm que lidar com inúmeros desafios que impactam a dinâmica familiar e que confrontam os avós no lugar assumido. Esses desafios se inserem no âmbito pessoal e psíquico, no âmbito familiar e também em um laço social.

O primeiro desafio, exemplificado neste trabalho, é assumir a parentalidade diante de um contexto trágico, como a morte de um filho. Nesse cenário, a função da parentalidade impele a avó a dar conta dos cuidados parentais e concomitantemente vivenciar o luto, e esse movimento instaura um paradoxo na relação entre avó e neto. Para conseguir lidar com esse paradoxo, a avó se movimenta em prol de uma tentativa de elaboração psíquica que confronte com a situação que pode ter contornos traumáticos para o psiquismo. Ao ser solicitada pelo neto, essa relação é marcada por uma tentativa de clivagem, ou seja, por uma divisão entre o lugar do neto e o lugar do filho, lugares que se confundem e reforçam o paradoxo. Ao mesmo tempo que o neto lembra do filho, ele também lembra que não é o filho e esse paradoxo coloca em xeque elementos que são antagônicos, mas também que convivem. Dessa forma, há a tentativa de reconhecer o neto como continuidade do pai através do deslocamento dos significados dos objetos pai e filho, simultaneamente, com o desejo de separar e dividir os lugares ocupados por cada um deles.

No entanto, embora o exercício da parentalidade frente a uma situação que pode ser traumática para o psiquismo origina um paradoxo, esse paradoxo não necessariamente é algo negativo. A situação trágica convoca os avós a uma elaboração da perda e uma movimentação em direção aos cuidados parentais de um ser humano que ainda está em desenvolvimento e apresenta possibilidades de esperança frente à finitude da vida. Diante dos cuidados com o neto, essa avó não pode paralisar-se, ela necessita continuar um investimento na vida e movimentando em prol dos cuidados parentais. Nesse sentido, o paradoxo relacional diante de uma situação trágica e da parentalidade pode ser uma saída para o luto dessa avó. O próprio neto evoca na avó o sentimento de vida, esperança e continuidade.

Além dos desafios de assumir a parentalidade em decorrência de situações adversas como a morte, esse trabalho também evidenciou que os avós são confrontados com o cenário e as exigências da contemporaneidade. A contemporaneidade tem características que ecoam no

âmbito familiar: novas formas de exercer a parentalidade e múltiplas composições familiares que tem seus efeitos nas novas formas de subjetivação. Nesse sentido, a parentalidade na avosidade aparece também como fruto das transformações contemporâneas e das novas formas de parentalidade e família que fogem da ótica heteronormativa composta apenas por pai e mãe biológicos.

A contemporaneidade coloca em cena desafios que envolvem aspectos geracionais, afinal, os avós que são de outra geração passam a ocupar o lugar parental imediato aos netos. No caso apresentado, a avó sente-se impossibilitada de se comunicar com a neta, uma vez que entre a avó e neta há a influência das tecnologias e da diferença da escolarização de ambas que posiciona a avó afastada da neta e denuncia um desafio social de acesso à educação da avó. A falta de acesso à educação formal e aos dispositivos da cultura contemporânea revela que esse acesso também é atravessado por questões raciais e de gênero da avó. As diferenças sobre a percepção da sexualidade, as relações com o corpo e com o gênero também constituem impasses nessa comunicação. A avó vem de uma geração em que a relação com o corpo e com a sexualidade era constituída de muito mais pudor e silêncio (Lima et al. 2022). No caso apresentado, a vivência de uma sexualidade precoce da neta e o diálogo mais aberto em relação a temáticas da sexualidade coloca diante da avó o desafio de comunicar-se com a neta e do cuidado frente a situações de exposições que podem colocar em risco a neta.

A parentalidade exercida por avós pode evidenciar uma tentativa de romper com um ciclo de repetição do funcionamento familiar. Nesse caso, a repetição que acontece no âmbito familiar aparece nas semelhanças e nas narrativas históricas da avó, da mãe e agora da neta, que acarreta na avó uma necessidade de reparação e renovação nessa nova parentalidade assumida. A reparação não acontece da forma que a avó gostaria e a repetição expõe tal fato, colocando a avó em um desafio de simbolização exemplificado nas dificuldades de colocar em palavras e comunica-se com a neta.

A parentalidade na avosidade também é atravessada por aspectos intergeracionais e transgeracionais que são transmissões psíquicas repassadas no âmbito familiar. Nas famílias ocorrem transmissões conscientes e inconscientes envolvendo vários objetos de mediação como rituais, mitos e signos inseridos dentro de um contexto social (Houzel, 2015). Na Transmissão psíquica transgeracional, o elo entre as gerações torna-se interrompida e coloca as histórias entre os personagens sob aspectos da repetição e do narcisismo (Trachtenberg, 2023). Logo, a repetição que acontece na história da neta denuncia um aspecto não simbolizado no âmbito familiar mais amplo e confronta a avó na parentalidade exercida.

Ambos os casos retratados neste trabalho se deram no âmbito da instituição pública, na rede municipal de educação. Os atendimentos realizados às duas famílias constituíram suporte para a sustentação da parentalidade dessas avós que assumiram a função parental aos netos diante de situações não favoráveis. Em ambos os casos, assumir a função parental foi o movimento que as avós conseguiram realizar para organizarem-se diante da impossibilidade dos filhos estarem na função e para administrarem os novos enredos familiares. Assim, destacamos a importância da atenção à saúde pública na sustentação da saúde mental. Nos dois casos, esses dispositivos institucionais funcionaram como mediadores e possibilitadores de uma elaboração psíquica de assumir a parentalidade aos netos, uma vez que a dificuldade dessa elaboração se constituiu como um evento traumático.

Os atendimentos realizados com essas duas famílias e a escrita sobre parentalidade neste trabalho constituiu um processo transformativo em minha experiência acadêmica e profissional. E, possibilitou entender que, mesmo diante dos impasses das dificuldades da parentalidade na avosidade, o encontro entre as gerações de avós e netos ainda pode gerar cuidado e pertencimento.

Este trabalho, cujo os atendimentos foram realizados no âmbito de uma instituição pública de educação, pode oferecer contribuições teóricas significativas para políticas públicas

sobre parentalidade, tanto voltadas para a função parental de avós quanto de outras formas de parentalidade. A ampliação sobre a temática da parentalidade na esfera das políticas públicas possibilita que profissionais das mais diversas áreas, como por exemplo saúde e educação, possam entender questões relativas à parentalidade e aprimorar os serviços assistenciais no âmbito familiar, uma vez que a sustentação dessa função exige o suporte no laço social. A partir das contribuições de uma perspectiva da psicologia clínica que discute o lugar da parentalidade e da avosidade, constatou-se que este pode ser um lugar atravessado por dificuldades, decisões, lutos, dentre outras questões, que podem ser acolhidas também em uma terapia individual com avós, em uma perspectiva singular de cuidado.

As discussões sobre avosidade e parentalidade propostas neste trabalho podem servir como ponto de partida para futuras discussões do lugar da função parental dos avós na família, principalmente diante de uma parentalidade assumida frente a situações e contextos adversos e que exigem um trabalho psíquico. Além disso, a discussão pode ser ampliada a partir da percepção dos netos sobre a parentalidade exercida por avós, uma vez que nessa parentalidade há os aspectos relacionais entre avós e netos. A ampliação da discussão sobre essa temática, possibilita embasamento para mais políticas públicas em saúde e educação para a população.

Este trabalho apresentou a parentalidade exercida por avós evidenciando os impactos e desafios na dinâmica familiar, através de duas histórias idiossincráticas e únicas, mas que podem ser estendidas para outras histórias e para outros avós que exercem a parentalidade. No âmbito da psicologia, da saúde pública e da educação, este trabalho possibilitou a ampliação da compreensão sobre a avosidade e sobre a função parental dos avós. A compreensão e a discussão sobre essas temáticas, tornam-se relevantes, posto que, cada vez mais os avós estão ocupando os espaços e funções de cuidado na família e nas diferentes esferas da sociedade. Se a própria parentalidade suscita desafios e traz transformações, na avosidade, os desafios podem tomar outras dimensões que atravessam a própria história dos avós com a parentalidade, os

aspectos geracionais e familiares, as condições e contextos e a parentalidade assumida aos filhos.

REFERÊNCIAS

- Birman, J. (2007). Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de psicanálise*, 40(72), 47-62. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352007000100004&script=sci_arttext
- Cardoso, A. R., & Brito, L. M. T. D. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?. *Psico-USF*, 19, 433-441.
- Deus, M. D. D., & Dias, A. C. G. (2016). Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. *Pensando famílias*, 20(2), 56-69.
- Eizirik, C. I., Candiago, R. H. & Knijnik, D. Z. (2007). A Velhice. In C. L. Eizirik, F. Kapczinski & A. M. S. Bassols (Orgs.), *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 169-189). Artmed.
- Freud, S. (1910/2016). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In: Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. 09. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- Fundação Getúlio Vargas [FGV Social]. (2020). Onde estão os idosos? Conhecimento contra o Covid-19. Disponível em <https://cps.fgv.br/covidage> Acesso em 20 de Novembro de 2023.
- Gomes, I. C. & Zanetti, S.A. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular, *Psicologia USP*, 20(1), 93-108.
- <https://www.scielo.br/j/pusp/a/VWZq6pggwbWNZ3MGLdx69KP/?lang=pt>
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Carneiro, T. F. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-

29702015000200002

Gratton, B. & Haber, C. (1996). Three phases in the history of American grandparents:

Authority, burden, companion. *Generations: Journal of the American Society on Aging*, 20(1), 7-12.

Houzel, D. (2003). Un Autre Regard Sur La Parentalité. *Enfances & Psy*. 21(1), 79-82.

<https://www.cairn.info/revue-enfances-et-psy-2003-1-page-79.htm>

Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In: Solis-Ponton, L. (Org.). Ser pai, ser

mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Houzel, D. (2015). La Transmission Transgénérationnelle. De La Théorie De La

Dégénérescence À Une Théorie Du Champ. *Journal De La Psychanalyse De L'enfant.*, 5, 147-164.

Jorge, H., & Lind, W. (2015). Segurar a família pelas pontas: Os dilemas dos avós cuidadores

a tempo inteiro. *Psychologica*, 58(1), 7-22. [https://impactum-](https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_58-1_1)

[journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_58-1_1](https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_58-1_1)

Lacerda, C. B. S. (2020). O papel das avós no sistema de relações familiares: estudo

qualitativo transcultural Portugal – Brasil [Dissertação de Mestrado, Universidade Beira Interior]. Repositório Digital da Universidade Beira Interior.

<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/11055>

Lima, C. A. S. & Junior, A. R. (2014). O processo de reparação na mudança da avosidade

para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. *Revista Educação-UNG-Ser*, 9(1), 61-83.

<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1622/1311>

- Lima, F. P. S., Dutra, L. N. L., Novaes, L. F., Fernandes, I. S., Brech, G. C., & Salles, R. J. (2022). Corpo temporal e sexualidade atemporal: um conflito na velhice. *Research, Society and Development*, 11(9), e10811931519-e10811931519.
- Minois, G. (1987). *Historia de la Vejez - De la Antigüedad al Nacimiento*. Nerea, Madrid.
- Mainetti, A. C. & Wanderbroocke, A. C. N. D. S. (2013). Avós que assumem a criação de netos. *Pensando famílias*, 17(1), 87-98.
- Mendes, L. C. (2017). Interações intergeracionais: os alunos e a sua relação com os avós. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, Extr.(5), 364-369.
<https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.05.3031>
- Neyrand, G. (2007). La parentalité comme dispositif. mise en perspective des rapports familiaux et de la filiation. *Recherches familiales*, (4), 71-88.
<https://www.cairn.info/revue-recherches-familiales-2007-1-page-71.htm>
- Pinto, K. L. B., Arrais, A. D. R., & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, 19, 37-47.
<https://www.scielo.br/j/psuf/a/Xtjf6dQBqrQW6bGjcL4hYNv/abstract/?lang=pt>
- Ramos, N. (2017). Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: Avós e netos na contemporaneidade. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (227-247). Editora CRV.
- Ravit, M. & Roman, P. (2009). Clinique de l'infanticide. Un corps-à-corps mortifère. *Revue de psychologie clinique et projective*, (1), 119-144.
- Sampaio, M. A. P., Pereira, S. D. R. B., Osório, N. B., & Neto, L. S. S. (2021). A construção da avosidade na literatura científica Brasileira: uma revisão integrativa de literatura. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 24565-24576.
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26126>

- Scremin, A. L. X., & Bottoli, C. (2016). Avós e netos: o exercício de uma parentalidade. *Barbarói*, 48(1), 234-252.
- <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/5486>
- Silva, L. R., Rabinovich, E. P. & Amorim, I. B. (2019). Relações Familiares Na Contemporaneidade E Construção Da Subjetividade. In K. C. A Portela & A. J. Schumacher (Orgs.), *Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5* (pp. 245 -253). Atena Editora.
- Silva, E. F. (2022). Identidade E Gênero De Acordo Com A Teoria Psicanalítica A Partir Da Análise Das Novas Configurações Familiares. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, 13(2), 207-211.
- Trachtenberg, A. R. C (2023). Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. In A. R. C. Trachtenberg. *Transgeracionalidade/Intergeracionalidade - Holocausto e dores sociais*. Blucher.
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.